

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

DENISE NUNES DE SORDI

**OS TRABALHADORES DAS LAVOURAS DE CANA-DE-AÇÚCAR NA REGIÃO DE
TUPACIGUARA – MG FRENTE À EXPANSÃO DAS USINAS
SUCROALCOOLEIRAS NO TRIÂNGULO MINEIRO (2007-2011).**

UBERLÂNDIA - MG

2011

DENISE NUNES DE SORDI

OS TRABALHADORES DAS LAVOURAS DE CANA-DE-AÇÚCAR NA REGIÃO DE
TUPACIGUARA – MG FRENTE À EXPANSÃO DAS USINAS SUCROALCOOLEIRAS
NO TRIÂNGULO MINEIRO (2007-2011).

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Instituto de História da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do
título de Graduação em História.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais.

UBERLÂNDIA - MG

2011

DENISE NUNES DE SORDI

OS TRABALHADORES DAS LAVOURAS DE CANA-DE-AÇÚCAR NA REGIÃO DE
TUPACIGUARA – MG FRENTE À EXPANSÃO DAS USINAS SUCROALCOOLEIRAS
NO TRIÂNGULO MINEIRO (2007-2011).

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Instituto de História da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do
título de Graduação em História.

Uberlândia, 16 de dezembro de 2011.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Sérgio Paulo Moraes INHIS/UFU

Prof. Dr. Célia Rocha Calvo INHIS/UFU

Prof. Dr. Túlio Barbosa IG/UFU

AGRADECIMENTOS

Ao professor e amigo Sérgio Paulo Morais, por ter orientado e acompanhado-me não só neste trabalho de conclusão do curso de História, mas desde o primeiro semestre na UFU, sempre com incentivos, apesar de todas as dificuldades. Obrigada pela paciência, apoio, disposição, tempo e confiança depositados ao longo de todo este tempo, ou jornada que é o que melhor descreve minha Graduação. Obrigada.

Aos professores Túlio Barbosa e Célia Rocha Calvo pela confiança depositada, conversas e debates que me auxiliaram enormemente na produção deste trabalho e na Graduação, e por terem aceitado o convite para compor a banca.

Aos meus três melhores amigos Gabriel Pimentel de Melo, Ezequiel Araújo Martins e William Mariano Santos, três “cabeções” sem os quais teria sido impossível chegar ao final do curso. Foi um longo caminho.

Aos melhores amigos mais recentes, mas fundamentais, Diego Marcos Silva Leão e à Mylena Rodrigues que me ajudaram a superar e encarar os obstáculos acadêmicos e militantes e foram essenciais para que eu pudesse freqüentar com o mínimo de sanidade, em média oito disciplinas por semestre para me formar este ano. Obrigada.

Ao meu companheiro e melhor amigo Pedro Do Prado Moller que me incentivou e compartilhou as longas discussões sobre trabalho, cortadores de cana e sobre as injustiças do mundo sempre com muito entusiasmo e dedicação. Além de estar sempre presente com todo apoio pessoal que me foi necessário para lidar com os obstáculos “extra-acadêmicos” da Graduação, meus sinceros agradecimentos e meu amor.

À minha mãe que me incentivou a fazer História e me auxiliou de todas as formas possíveis e impossíveis por todo este período e sempre, dedicando seu tempo, trabalho, paciência e sacrificando a si própria para que eu pudesse concluir o curso, meus sinceros agradecimentos e amor.

À Pepita, que muitas vezes me compreendeu e apoiou, com todo seu carinho, muito mais do qualquer outro ser racional.

Aos amigos Jéssica, Bruna, Aline, Francine, Fernanda e Samuel que sempre estiveram comigo, e são minha família, não tenho como dizer o quanto vocês são importantes para mim.

Agradeço a todos os trabalhadores que concordaram em participar das entrevistas, cedendo seu tempo (muitas vezes de descanso, lazer ou com a família) para compartilhar suas experiências, avaliações e percepções sobre suas vidas.

Aos professores com os quais tive o prazer de ter aulas durante a Graduação e que sempre estiveram dispostos a conversar, ensinar, discutir e lembrar, sem nenhuma arrogância, que também já foram estudantes. Meus sinceros agradecimentos.

*“O homem nunca tem o bastante
sem ter em demasia”
(William James)*

RESUMO

O tema deste trabalho de pesquisa aborda problemáticas referentes às análises relacionadas aos trabalhadores das lavouras sucroalcooleiras na região de Tupaciguara - MG em contraponto com o processo de expansão das usinas, principalmente a partir do ano de 2007 para a região do Triângulo Mineiro. E tem por objetivo propor outros caminhos para lidar e perceber esta temática pela sua recomposição a partir da pesquisa com fontes oficiais direcionadas as empresas sucroalcooleiras, jornais de circulação regional e nacional e principalmente, com as entrevistas realizadas com os trabalhadores das lavouras das usinas que embasam os questionamentos e abordagens desta produção, com o objetivo de partir da prática para compor diferentes olhares e perspectivas sobre a historiografia e a imprensa dominantes. Neste sentido, a pesquisa nos levou a perceber a necessidade da revisão de termos como “cortador de cana” e “migrante”, pois, estes se apresentam nos processos de constituição das relações sociais e teóricas como fatores preconcebidos e determinantes para a abordagem do tema proposto. E das maneiras como estes trabalhadores são percebidos nas cidades que os acolhem e como se inscrevem neste espaço ao lidar com a resistência imposta por estes pré-conceitos. Adotamos a perspectiva do vivido, ou da experiência, para ampliar os meios de tratar de questões ambientais, econômicas, sociais e do trabalho, iniciando o debate de modo a englobar todos estes aspectos, pois, esta metodologia nos permitiu apontar interesses e a lógica produtiva das usinas sucroalcooleiras de forma a dar prioridade aos viveres, expectativas e formas de resistência dos sujeitos que as movimentam com seu trabalho.

Palavras-chave: Trabalhadores das lavouras. Trabalho no campo. Usinas sucroalcooleiras. Triângulo Mineiro. Tupaciguara. Movimento sócio-espacial. Mecanização. História Oral. Cidade.

ABSTRACT

The theme debated on this research is about the problems related to problems appointed in the analysis on sugar cane plantation workers from Tupaciguara – MG in relation to the sugar cane plants process of expansion, especially from 2007, headed to the Triângulo Mineiro region. This research aims to offer different means to deal and notice this subject by its recomposition having as starting point, the official source researches, which is turned to the sugarcane industries, regional and national papers which contain interviews with sugar cane plantation workers, that are based on questions and approaches on the production, aiming to start from the practice of compounding different views and perspective on historiography and the ruling press. Accordingly, this research took us to realize the need on revising terms like “sugar cane cutter” and “immigrant”, because these, influence in the constitution process of social relations and theoretical ones, as preconceived factors which are determinative to the approach proposed by this theme. And the way that those workers are noticed by the cities that receive them and how they are inserted in and when they have to deal with resistance imposed by those prejudices. About this theme, it was adopted the perspective of living, it means the experience, to enlarge the means of dealing with those environmental, economic, social and labor questions, starting up by a debate as a way to include all those aspects, so, this methodology enabled us to point the interests and the productive logic of the sugarcane industries, aiming to prioritize the living, the expectations to the resistance methods of people who move them (the sugarcane industries) with their labor force.

The key-words: Plantation workers. Work in Plantation. Sugarcane Plants. Triângulo Mineiro. Tupaciguara. Social-area Activity. Mechanization. Oral History. City.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1 – Capa do “Compromisso Nacional para Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana-de-Açúcar”	20
MAPA 1 – Mapa da cidade de Tupaciguara-MG	43
FOTO 1 – Equipamento de Proteção Individual - EPI	47
FOTO 2 - Equipamento de Proteção Individual - EPI	47

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
---------------------	-----------

CAPÍTULO 1	18
-------------------	-----------

Nem tudo o que parece é: (des) construindo análises, o confronto entre o mundo do trabalho e os trabalhadores.

CAPÍTULO 2	39
-------------------	-----------

Uma abordagem para além das relações de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
-----------------------------	-----------

REFERÊNCIAS	61
--------------------	-----------

APRESENTAÇÃO

O tema abordado nesta pesquisa trata dos viveres, expectativas e objetivos dos trabalhadores das lavouras de cana-de-açúcar, que se deslocam de suas cidades de origem em diversas regiões do país, principalmente, na busca por emprego nas lavouras sucroalcooleiras.

A pesquisa teve como ponto de partida a busca por estes trabalhadores na cidade de Tupaciguara – MG, pois esta tem recebido nos últimos anos, repasses orçamentários do Governo Federal para a instalação de novas usinas e ampliação das já existentes. Além de estar localizada, no que pode ser compreendido como *rota*¹ das cidades do Triângulo Mineiro, ou de seu entorno, que possuem usinas e, portanto, necessitam de mão-de-obra para suas lavouras.

Este processo é analisado em paralelo a lógica de produção e ao movimento de expansão das usinas sucroalcooleiras, para o Triângulo Mineiro, principalmente durante o período caracterizado como *boom* canavieiro, devido ao elevado número de novas usinas instaladas nesta região e na região Norte/Nordeste do país a partir, principalmente do ano de 2007².

Neste sentido, os sujeitos centrais desta pesquisa são os “trabalhadores das lavouras de cana-de-açúcar”, e seu objetivo é delineado em meio ao grande leque de debates possíveis relativos a esta expansão, como questões de cunho ambiental, do trabalho, dos trabalhadores, da administração e dos interesses públicos e privados, do desenvolvimento econômico, político e social, das cidades, dentre outros.

Apesar da imensa quantidade de fontes relativas às usinas pesquisadas ao longo do tempo de produção desta pesquisa, seu embasamento tem como ponto articulador principal as narrativas que tratam das perspectivas e avaliações dos trabalhadores das lavouras das usinas, de modo a abordar não só seu trabalho, mas também suas trajetórias. Estas nos dizem quem

¹ Uberlândia, Araguari, Monte Alegre de Minas, Tupaciguara, Araporã, Canapólis, Capinópolis, Ituiutaba, Santa Vitória, Uberaba e Delta. Mapeamento de usinas instaladas ou em processo de instalação realizado no Mapa Canamix de Usinas Brasileiras – 2011. Edição Grupo PC & Baldan – Parceria de Sucesso. Distribuído na FENASUCRO 2011.

² Além de ser percebido por moradores da região nos últimos anos, referências sobre esta periodização da expansão das usinas foram encontradas com frequência nas fontes pesquisadas, como nas revistas oficiais dirigidas aos empresários do setor CanaMix, Idea News e Álcool Brás, jornais como Correio de Uberlândia e Folha de São Paulo, sites do Governo de Minas Gerais e em contratos de regulamentação do trabalho no campo, como o Compromisso Nacional e o Acordo de Safra.

são, de onde vieram, como vivem, onde vivem, o que fazem em seu tempo de lazer, ou seja, como se inscrevem na realidade social e como a vivenciam³.

Estes viveres ou modos de vida, nesta pesquisa, representam a prática do cotidiano destes trabalhadores, que podem ser apontados como a expressão de formas individuais ou coletivas de encarar, avaliar e formular suas visões de mundo de acordo com a experiência individual, mas que se torna coletiva quando é formulada a partir de sua memória, ou lembranças, para falar sobre como lidam com estas diversas experiências no presente, por exemplo, uma situação do trabalho ou do cotidiano, que pode apontar problemáticas comuns a uma comunidade ou a outros trabalhadores. Estes viveres foram compartilhados através da pesquisa de campo e de suas narrativas, produzidas a partir da pesquisa com fontes orais e do trabalho das relações entre memórias e histórias.

Temos por base que é inerente ao trabalho do historiador buscar compreender as questões do social e neste processo superar as limitações relacionadas ao processo de analisar e conhecer os movimentos da realidade. Principalmente uma realidade que é permeada pelas relações e tensões, das disputas sociais por um tempo e espaço históricos, ou seja, pela memória seja ela particular ou compartilhada.

Estas relações podem ser manifestas através do sentido homogêneo assumido pela história oficial, que constitui um símbolo legitimador da memória que se propõe a ser nacional e signo de poder. Segundo Maria Célia Paoli o oficial constitui-se daquilo que é produzido a partir do silenciamento de outras narrativas e que afasta o sentido da história da memória social.

Neste sentido as experiências articuladas como memórias aparecem ao historiador no plural sinalizando a memória social⁴ de modo a criar abertura para que múltiplas vozes, conflitos e sentidos manifestem-se. Compondo, desta forma outras histórias, que não necessariamente se constituirão pela visão do desenvolvimento e do progresso da cidade e da região com a instalação de usinas, mas sim a partir de manifestações da memória que constituem um processo de produção e manifestação de significados sociais. Estas são compostas através de lembranças que na perspectiva do campo social colocam em cena a experiência vivida particular e coletiva das pessoas.

³ KHOURY, YARA AUN. **Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história**. In. _ Muitas memórias, outras histórias. Déa Ribeiro Fenelon, Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury [orgs.]. São Paulo: Olho D'água, 2005. pp. 116 – 138.

⁴ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **A pesquisa em história** / Maria do Pilar de Araújo Vieira, Maria do Rosário Cunha Peixoto, Yara Aun Khoury. – 5º Ed. – São Paulo : Ática, 2007 (Série Princípios, 159).

A leitura e o diálogo com E. P. Thompson nos ajuda a compor este debate a partir da reflexão sobre as experiências, os conflitos e suas manifestações,

[...] conflito são as maneiras pelas quais o caráter essencialmente explorador das relações produtivas se torna uma experiência vivida, dando origem à manifestação de valores antagonistas e a uma ampla crítica do “senso comum” do poder.⁵

Cardoso⁶ nos aponta que a inversão da relação entre presente e passado, no trabalho com as memórias, altera o foco e passa a analisar o passado não como depositário de coisas mortas e sem significado, mas como um campo a ser explorado e investigado pelo historiador.

Esta inversão propõe a busca pelos vestígios de transformações sociais a partir da memória e do passado em suas diversas dimensões de modo a compreender o presente e projetar um futuro mais coerente de acordo com as expectativas, sonhos e anseios dos sujeitos sociais.

Compreendemos então que assumir as narrativas enquanto fonte histórica implica na responsabilidade política do historiador em termos de comprometimento com o social e de democratização da historiografia, construindo alternativas e resistindo à memória dominante que se faz visível e oculta ou justifica as desigualdades sociais.

As narrativas, produzidas pelo historiador a partir da pesquisa com fontes orais, compõem um dos caminhos para que a memória se materialize de modo não linear ou cronológico, mas sim organizada de acordo com a experiência social dos sujeitos históricos apontando outras histórias e permitindo que os agentes das narrativas reconheçam-se na produção da história.

O Grupo Memória Popular⁷ nos lembra que a história oral apresenta-se como campo onde a tensão entre objetivos históricos e políticos concorrentes é mais aparente, pois permite a compreensão da memória como um campo de subjetividade e de luta política.

Sobre os aspectos do lidar com a cultura durante a pesquisa, Alessandro Portelli discute que, esta constitui um importante mecanismo contra o esquecimento e o controla transformando-o em um dos mecanismos da memória. Combater o esquecimento é

⁵ THOMPSON, Edward Palmer. **Folclore, antropologia e história social**. In: As peculiaridades dos ingleses e outros artigos /E. P. Thompson; organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 262.

⁶ CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. **Memórias e imagens: (re) pensando os significados do memorial JK**. In: _ Outras histórias: memórias e linguagens / [organização de] Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. – São Paulo : Olho d’Água, 2006. pp. 177-193.

⁷ **Memória Popular: teoria, política e método. Grupo Memória Popular**. Tradução de Helen Hughes e Yara Aun Khoury. In: Muitas Memórias, Outras Histórias / [organização de] Déa Ribeiro Fenelon, Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. – São Paulo : Olho d’Água, 2005. pp. 282-295.

primordial, pois é também uma forma de resistência para lembrarmos que as coisas nem sempre foram da maneira como estão e que podem ser projetadas de maneira diferente, auxiliando o historiador a compreender as transformações e mudanças sociais colocando em cena diferentes valores, avaliações sobre o tempo e a vida, perspectivas e sentimentos das pessoas e dos grupos sociais.⁸

A relação entre história e memórias no trabalho de pesquisa da história social, constitui-se como um importante mecanismo de compreensão dos nexos e dinâmicas das transformações do tempo, do trabalho e da cultura que compõe uma alternativa para a investigação das expressões do humano no social seja por meio do diálogo com as narrativas, com os espaços das cidades ou com a busca pela significação e introdução de novos elementos e sujeitos na história e nas interpretações do vivido por estes.

Percebemos então que buscar compreender o processo de expansão das usinas sucroalcooleiras requer mais que olhar para as dinâmicas e processos empresariais ou econômicos, requer buscar identificar quem são as pessoas, os sujeitos e agentes ativos desta expansão, de que forma contribuem e como vivenciam essa expansão através do trabalho e das mudanças em suas vidas.

O trabalho de pesquisa a partir da história oral não nos permite convencer aos outros e a nós mesmos de que um fato pode ser contado apenas de forma informativa ou pior ainda “imparcial” é preciso uma leitura de tempo e de lugar. Quem nos fala? Para quem fala? Por que fala?

E sobre as condições de trabalho nas lavouras sucroalcooleiras a leitura de Marx coloca elementos que nos ajudam a alterar o foco das discussões e superar os limites da visão preconcebida ou paternalista da mídia oficial ao tratar do tema “mecanização da colheita da cana” e de outros problemas relacionados a regulamentação do trabalho nas lavouras. Que é limitado por essência ao apontar os trabalhadores, sujeitos base do funcionamento das usinas como “coitados”, “destinados pela pobreza de suas regiões a este trabalho”, “gente que para conseguir algo tem que conquista com muito trabalho, gente de garra”,

A procura por homens regula necessariamente a produção de homens assim como de qualquer outra mercadoria (SMITH, apud Marx). Se a oferta é muito maior que a procura, então uma parte dos trabalhadores cai na situação de miséria ou na morte pela fome. A existência do

⁸ PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. Alessandro Portelli. Tradução de Hele Hughes e Yara Aun Khoury. In: Muitas Memórias, Outras Histórias / [organização de] Déa Ribeiro Fenelon, Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. – São Paulo : Olho d’Água, 2005. pp. 296-313.

*trabalhador é, portanto, reduzida à condição de existência de qualquer outra mercadoria. O trabalhador tornou-se uma mercadoria e é uma sorte para ele conseguir chegar ao homem que se interesse por ele. E a procura, da qual a vida do trabalhador depende, depende do capricho do rico e capitalista.*⁹

A pesquisa nos aponta os caminhos que levam à percepção da perversidade do modo de produção sucroalcooleiro que durante anos não se importou e desfrutou dos benefícios da falta de regulamentação do emprego nas lavouras para baratear custos e aumentar sua lucratividade. Como afirma revista própria do setor em matéria sobre os benefícios da mecanização e o empenho do setor para qualificar a mão-de-obra das lavouras,

*Um trabalho difícil, que utilizou a mão de obra indígena e negra durante muitos séculos, e que desde o surgimento do Proálcool, nos anos 70, tem atraído anualmente milhares de trabalhadores migrantes para as principais regiões produtoras, no Centro-Sul do País. Eles buscam nas áreas canavieiras o faturamento que não conseguem obter nas suas terras de origem, normalmente o Nordeste do Brasil e o Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais.*¹⁰

O discurso progressista do desenvolvimento propagado pelas usinas e pelo poder público corresponde a um desenvolvimento que atinge somente os proprietários. A questão não é apenas sobre o desenvolvimento, mas para quem as melhorias nas condições de vida são direcionadas? Quem, na prática, usufrui da expansão das usinas?

Com o objetivo de contextualizar e colocar em perspectiva a leitura histórica referente às problemáticas envolvidas nesta pesquisa, o primeiro capítulo apresenta a visão mais relevante sobre as avaliações e prioridades da indústria sucroalcooleira. Estas foram analisadas a partir da pesquisa em revistas do setor, que tem como público alvo os empresários, assim como em tratados de trabalho entre o Governo e as usinas, que são importantes para tal compreensão. É importante ressaltar que as fontes selecionadas a partir deste segmento de comunicação apresentam questões e abordagens que possuem aparentemente certo poder de convencimento ao leitor ou até mesmo o de colocá-lo numa posição de neutralidade e ao mesmo tempo certeza das ações, devido à abstração, ou ao distanciamento que demonstram ao tratar de questões sociais cotidianas relacionando-as aos

⁹ MARX, Karl. **Caderno I – [I] Salário**. In: Manuscritos Econômico-filosóficos / Karl Marx ; tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri. – [4. reimpr.] – São Paulo : Boitempo, 2010.il. – (Coleção Marx-Engels) p. 24.

¹⁰ ROBERTO, Clivonei. **Programas de formação CAPACITAM E TRANSFORMAM VIDAS na agroindústria do açúcar e etanol**. In: Revista Idea News. ANO 11- N°123, janeiro de 2011. p 9.

órgãos e acordos internacionais. De modo a gerar um sentimento de distanciamento entre o leitor comum não empresário, não apto a falar sobre o setor sucroalcooleiro e o empresário ou jornalista do setor, aptos a formar opiniões, testemunhar fatos e sintetizar tendências.

Algumas das fontes que serviram de apoio para esta pesquisa, dialogam com diversas problemáticas em pauta na agenda, pública e privada, de discussões que tratam, em geral, sobre quatro aspectos: as condições de trabalho nos canaviais, impactos ambientais, econômicos e sociais. Proponho a apresentação das fontes supracitadas e da interpretação construída a partir da pesquisa, especificamente sobre a visão da indústria sucroalcooleira, a respeito dos trabalhadores ou do trabalho nas lavouras das usinas. Estas fontes são compostas por artigos, como os publicados no site da União dos produtores de Bioenergia - UDOP, da União da Indústria da cana-de açúcar - UNICA, dentre outros, ou ainda fotos utilizadas no *Compromisso Nacional*, documentos de análise do mercado industrial do Banco Bradesco, revistas empresariais como a Cana Mix¹¹, Jornal da Cana, Opiniões, Álcool Brás e Idea News e por fim jornais de circulação no Triângulo Mineiro, principalmente nas edições virtuais, com destaque para o Jornal Correio de Uberlândia.

A abordagem do tema nestas evidências parte do que podemos chamar, na trilha de Marilena Chauí, de “simulacro do poder”¹² transformando a capacidade de interpretação do leitor em uma atividade descartável com a apresentação da visão do outro, do editor, do empresário, dos seres pensantes e transformando a atuação do leitor em pura absorção de conteúdos. Ou, quando contrária a esse movimento exige do leitor grande esforço e conhecimentos críticos sobre o tema.

O interesse nestas tem por objetivo apontar e discutir o processo de construção de interesses privados em detrimento dos coletivos. Bem como a homogeneização do tema em torno, simplesmente, dos benefícios econômicos e principalmente, da problemática para o desenvolvimento e construção do progresso centralizada na figura do “cortador de cana migrante”.

¹¹ A Revista Canamix é uma publicação dirigida e segmentada com excelente índice de leitura entre os executivos, diretores, gerentes, coordenadores de área e por todos os profissionais do setor sucroenergético. Presente em todas as regiões brasileiras. A distribuição expressiva do título garante alto índice de receptividade às mensagens associadas a ele. A CanaMix é fonte completa e confiável de informação, pois divulga personalidades, ideias, fatos e tecnologias que geram o desenvolvimento desse setor essencial na economia brasileira e mundial. Um veículo de comunicação que abrange toda a pluralidade do universo canavieiro com o objetivo de apresentar ao leitor estratégias, produtos e serviços que, de fato, o auxiliem a conquistar os objetivos desejados. Linha editorial dinâmica, atual e com qualidade de informação, distribuída em um projeto gráfico que prima pela praticidade e a criatividade, a CanaMix, valoriza os anúncios publicitários, permitindo maior visibilidade, e, com isso, maior atenção do leitor. Fonte: <http://www.canamix.net/> . Acesso em 30/08/2011.

¹² CHAUI, Marilena. **Simulacro e poder: Uma análise da mídia**. In: _ Simulacro e poder / Marilena Chaui. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. pp. 5 -78.

O segundo capítulo busca lidar de modo mais aprofundado com as narrativas dos trabalhadores a partir de sua interpretação em uma abordagem que pretende ir além dos aspectos e elementos que compõem a lógica do trabalho na usinas de modo a recompor os sonhos, expectativas e objetivos dos trabalhadores das usinas sucroalcooleiras. Discutimos o espaço da cidade de Tupaciguara localizando tensões, olhares, conflitos e formas de resistência que vão além da sobrevivência diante das dificuldades do emprego, ao tratarmos de como estes sujeitos se articulam e se inserem no espaço social. Compondo a realidade e as percepções sobre seu trabalho, as usinas, o movimento sócio-espacial que realizam ao saírem de suas cidades de origem, o conseguir a moradia e outros.

Neste sentido, este trabalho de pesquisa tem por objetivo recompor olhares e discussões de modo que seu foco não está em uma das questões micro que podem ser localizadas no intenso debate sobre a expansão das usinas, mas sim olhar a partir da prática para perceber e buscar compreender quem são os sujeitos envolvidos e a importância de não enxergá-los à margem de todo este processo.

CAPÍTULO I

Nem tudo o que parece é: (des) construindo análises, o confronto entre o mundo do trabalho e os trabalhadores.

A problemática inicial para esta pesquisa dizia respeito primeiramente em buscar investigar e compreender a partir do trabalho com fontes orais, as trajetórias, as perspectivas, as avaliações e os viveres dos “*cortadores de cana migrantes*”. Pois, este tema tem sido trabalhado por diversas áreas, dentre outros objetivos, como ponto articulador de debates no cenário de análise da expansão das usinas sucroalcooleiras especificamente, para a região do Triângulo Mineiro, tida como região do desenvolvimento, progresso¹³ e nos últimos anos apontada por pesquisas e pela imprensa como geradora de produção de açúcar e etanol relevante para o país¹⁴.

O Triângulo Mineiro é a região de Minas Gerais que mais se beneficia com os investimentos do setor sucroalcooleiro nacional. Dos 41 projetos de implantação de novas usinas no Estado, anunciados nos últimos três anos e meio, 25 estão localizados na região em torno de Uberlândia. Como parte deste número, foram lançadas ontem três unidades que serão construídas em Prata, Campo Florido e Tupaciguara. Também foram anunciadas a ampliação e modernização de uma usina já existente em Ibiá. O total dos investimentos ultrapassam a marca dos R\$ 710 milhões [...] ¹⁵

A partir da análise destes debates relacionados à expansão das usinas sucroalcooleiras, temos percebido a preocupação com questões específicas direcionadas ao trabalhador do corte da cana e a mecanização, ao meio-ambiente e a expansão da produção sucroalcooleira pelo país. Um dos pontos trabalhados com mais ênfase neste capítulo diz respeito ao contraponto entre a lógica e princípios da indústria sucroalcooleira, considerada a partir da documentação

¹³ MARTINS, Humberto E. De Paula. **Formação e desenvolvimento sócio-econômico no Triângulo Mineiro.** “... Na atualidade, importantes transformações econômicas em nível nacional e mundial vêm trazendo um novo contexto para o desenvolvimento do Triângulo...” Fonte: <http://www.fafich.ufmg.br/varia/admin/pdfs/19p164.pdf> Acesso em 29/08/2011. p.18

¹⁴ Segundo resultados da safra 2009/2010 Minas Gerais é responsável por 8,1% da produção de cana-de açúcar no país. O Brasil é responsável por 23,3% da produção de açúcar mundial. Fonte: DEPEC- DEPARTAMENTO DE PESQUISAS E ESTUDOS ECONÔMICOS – AÇÚCAR E ETANOL – MARÇO DE 2010. BANCO BRADESCO. s/p. Arquivo pessoal.

¹⁵ **Triângulo ganhará mais três usinas de álcool.** Publicado em 03 de junho de 2011. Fonte: http://www2.correiodeuberlandia.com.br/texto/2006/08/11/20299/triangulo_ganhara_mais_tres_usinas_de_alcool.html . Acesso em 14/07/2011.

elencada e entre os trabalhadores das lavouras das usinas sucroalcooleiras, considerando suas expectativas, anseios e objetivos.

Este debate nos auxilia a compreender, de modo a construir e desconstruir análises, o processo de expansão deste setor, adotando como foco elementos que se colocam além do emaranhado de informações publicadas pela imprensa, a partir das opiniões e decisões, canavieiras e/ou oficiais.

Segundo artigo de Emmanuel Desplechin¹⁶, representante-chefe da UNICA¹⁷ na União Européia, que apresenta a visão da indústria brasileira sobre a cana-de-açúcar, a preocupação com as condições de trabalho dos cortadores de cana, relaciona-se às preocupações e ao comprometimento do Brasil com as certificações internacionais (com destaque aos critérios de sustentabilidade da União Européia), definidas pela OMT (Organização Mundial do Trabalho) e ao sistema de organização “Better Sugarcane Initiative” (BSI)¹⁸.

Em julho de 2009 (exatamente um ano após a aprovação dos requisitos de sustentabilidade da Diretiva Européia de Recursos e Energia Renováveis – RED) o Governo Federal brasileiro aprovou o “Compromisso Nacional para Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana-de-Açúcar”¹⁹ que possui, dentre outros objetivos *garantir* condições de

¹⁶ Fonte: <http://www.unica.com.br/opiniaio/show.asp?msgCode={3CBA204B-8951-446B-8168-EB58391CD6E3}>. Acesso em 29/08/2011.

¹⁷ *A União da Indústria de Cana-de-Açúcar, ÚNICA, é a maior entidade representativa do setor sucroenergético no País. Atua, no Brasil e no mundo, representando os principais produtores de etanol, açúcar e bioeletricidade, estabelecidos na região Centro-Sul. As mais de 110 usinas associadas à ÚNICA respondem por cerca de 60% do etanol e do açúcar produzidos no Brasil. A ÚNICA é administrada por um Conselho Deliberativo formado por representantes de suas empresas associadas e por uma diretoria executiva. A equipe é composta por profissionais, técnicos e consultores especializados em áreas fundamentais para a indústria da cana, entre elas meio ambiente, energia, tecnologia, comércio internacional, responsabilidade corporativa e sustentabilidade socioambiental, legislação, economia, estatística e comunicação. Para disseminar informações objetivas, detalhadas e atualizadas sobre as importantes contribuições socioeconômicas e ambientais do etanol, do açúcar e da bioeletricidade junto a consumidores, órgãos públicos, ONGs, indústria e mídia internacionais, a ÚNICA decidiu estabelecer escritórios de representação no exterior. Em dezembro de 2007, foi inaugurado o escritório Washington D.C., nos Estados Unidos, seguido do escritório da Europa, que iniciou operações em Bruxelas em abril de 2008. O escritório da Ásia está programado para o início de 2009. A ÚNICA possui ainda escritórios em Brasília (DF) e Ribeirão Preto (Sp). Fonte: A indústria da cana-de-açúcar. Etanol, Açúcar, Bioeletricidade. Catálogo da UNICA distribuído na FENASUCRO 2011 em Sertãozinho-SP. Arquivo pessoal.*

¹⁸ *BONSUCRO é uma iniciativa global que desenvolveu um padrão métrico de certificação, voltado a alcançar uma produção sustentável de cana-de-açúcar e todos seus produtos, como açúcar e etanol, nas dimensões social, ambiental e econômica. BONSUCRO desenvolveu um conjunto de princípios, critérios, indicadores e verificadores, que serão usados para certificar produtores de açúcar e etanol que cumprirem com os mesmos, em todo o mundo.*

A certificação será concedida à usina de açúcar e etanol, mas a avaliação é baseada em auditoria da usina e da área agrícola produtora de cana. Os operadores econômicos depois da usina, como portos, armazéns e traders, podem ser certificados também pelo Padrão BONSUCRO de Cadeia de Custódia, e o Protocolo de Certificação autoriza reivindicações de sustentabilidade no produto final de consumo.

Somente auditores qualificados e organizações certificadoras credenciadas pela BONSUCRO farão as auditorias e a certificação. A CERT ID é a primeira organização certificadora a ser aprovada no site BONSUCRO. Fonte: http://www.cert-id.com.br/?page_id=365 Acesso em 03/11/2011.

¹⁹ Fonte: <http://www.secretariageral.gov.br/arquivos/publicacaocanadeacucar.pdf>. Acesso em 29/08/2011.

trabalho *decentes* para o emprego nas lavouras, em conjunto com diversos setores da sociedade, dentre eles empresários, vários Ministérios²⁰ e Confederações dos trabalhadores rurais e da Agroindústria.

*O Compromisso Nacional para aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana-de-Açúcar visa garantir novos direitos e melhor qualidade de vida para os trabalhadores da lavoura da cana-de-açúcar.*²¹

Por esta perspectiva é importante nos atentarmos para a imagem de capa deste projeto:



IMAGEM 1 – Capa do “Compromisso Nacional para Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana-de-Açúcar”

Fonte: <http://www.secretariageral.gov.br/arquivos/publicacaocanadeacucar.pdf>

Esta, bem como as demais utilizadas nas outras páginas do projeto, nos passa a idéia de personalização na figura do cortador de cana dos trabalhadores das lavouras das usinas de cana-de-açúcar, não representando os diversos serviços prestados para as usinas, além de centralizar a idéia das problemáticas do trabalho nas lavouras nesta imagem ou representação.

É relevante apontar a discussão em torno da precariedade das condições desta atividade e do esforço e desgaste pelo qual passam estes trabalhadores. Principalmente quando o salário é pago por produção, ou seja, pela quantidade de toneladas de cana-de-

²⁰ Ministério da Educação, Ministério do Trabalho e Emprego, Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, Ministério do Desenvolvimento Agrário e Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Idem, p.1.

²¹ Idem, p. 3.

açúcar colhida manual ou mecanicamente. O salário por produção é mais recorrente nas lavouras e a partir da leitura das entrevistas realizadas com trabalhadores que já lidaram ou lidam com o corte manual, como Edmilson e Ricardo, é possível percebermos os motivos da escolha do recebimento por produção,

Edmilson: *Olha, pra quem consegue ter uma produção boa é excelente, tem muita gente que não deixa de corta cana pra trabalha com máquina, porque ele, individualmente ganha muito bem. Ele tem uma produção excelente. Mas eu se eu for trabalhar no corte de cana, num consigo produzir tanto pra ganhar mil e quinhentos mil e setecentos reais. É cansativo, mas pela produção assim que eu ganho na faixa de oitenta, noventa até cem reais por dia...*²²

Denise: *Você recebe por produção então?*

Ricardo: *Por produção, isso. [...] se você for trabalhar por diarista assim, como diz só pela carteira... Eles assina na carteira um salário mínimo seiscentos reais... Onde você vai dá conta de trata duma família, manter você e tê alguma coisa a mais com seiscentos reais?*²³

Ou ainda as desvantagens de optar pela produção quando o salário de registro é razoável, principalmente para os trabalhadores do corte mecanizado,

Denise: *Os supervisores... E você recebe por produção? Como que é quando é com máquina?*

Edmilson: *Olha, geralmente as empresas pagam as produções né, eles oferece um salário de carteira entendeu? Se a gente gosta a gente vem. Aí quando chega aqui eles fala “ó tem o salário de carteira, tem hora extra, tem horas in itinere, tem o adicional noturno” aí tem produção, mas tem muitas que não paga produção porque já paga um salário carteira razoável aí fala “não, não vou paga o salário por produção porque já tem o salário carteira” aí beleza. Aqui eles tão falando que tem, mas só que a gente não viu ainda, mas só o salário carteira que ele paga hoje aqui é... ta sendo o melhor da região entendeu? Aí a gente nem... pede produção nem nada porque já paga o salário de carteira...*²⁴

Anailton que é empreiteiro e lida com a contratação de trabalhadores, em geral, de outras regiões do país também comenta os motivos da escolha do recebimento por produção para o corte manual,

Anailton: *Entende? Esse pessoal do Alagoas, do Maranhão, eles são muito bom de serviço. Eles vêm, eles vêm mesmo, pra trabalhar mesmo!*

²² Idem, p.17

²³ Entrevista realizada com Ricardo na cidade de Tupaciguara-MG. Data: 14/07/2011. p.2.

²⁴ Entrevista realizada com Edmilson na cidade de Tupaciguara – MG. Data 14/07/2011. p. 9.

*Ali eles quer ganhar dinheiro, eles que produzi mais, porque lá na, no Maranhão, na, lá em Alagoas o salário deles lá é mais... é menor do que o nosso. Bem menor. A nossa diária aqui, de produção de cana, pra quem produz mais, eu cheguei pagar cento e vinte e seis reais ao dia, num cortador de cana. E... um pelo outro, pelo funcionários que produz mais, com o que produz menos é uma média de setenta, oitenta reais por dia. Enquanto no Maranhão um funcionário lá é quinze reais.*²⁵

O recebimento de salário por produção pode ser mais lucrativo para os trabalhadores do corte manual, apesar de ser mais desgastante como é relatado em reportagem pelo jornal Folha de São Paulo,

*[...] Em 1985, o trabalhador cortava 5 toneladas diárias de cana. Na safra atual, 9,3. [...] Exige(-se) alto esforço físico uma atividade em que é preciso dar 3.792 golpes com o facão e fazer 3.994 flexões de coluna para colher 11,5 toneladas no dia. Nos últimos anos, mortes de canavieiros foram associadas ao excesso de trabalho. [...] O caso de um bóia-fria que morreu semanas após colher 16,5 toneladas. Não há paralelo em qualquer região com tamanho rendimento [...]*²⁶

Apesar das dificuldades e irregularidades no emprego por produção há por parte das usinas, o incentivo e tensão impostos em uma lógica perversa para que os trabalhadores optem por esta modalidade, através, por exemplo, da premiação com motos ou bônus salariais para o trabalhador que obtiver o maior rendimento no decorrer do período de corte.

Orlando: *A regra é assim, vai somando né, vai juntando as toneladas, ganho com uma média de dezesseis...dezessete mas tem dia que ele tira dez, tem dia que tira quarenta e aí soma na semana, e paga na média. [...]* Ele ganha a moto.²⁷

Os trabalhadores enfrentam questões relativas ao emprego e também as complexas relações, interpretações e olhares, tecidos e estabelecidos pelos moradores das cidades que os recebem bem como as usinas, principalmente porque estas preferem contratar trabalhadores que já possuam experiência nas atividades da lavoura. Estes, em geral, são os vindos de fora, os *forasteiros*²⁸ para a população da cidade que se sente desfavorecida e frustrada. Pois, a usina não corresponde às suas expectativas de melhorias pessoais e para a cidade.

²⁵ Entrevista realizada com Anailton na cidade de Tupaciguara-MG. Data 14/07/2011. p.12.

²⁶ MAGALHÃES, Jornal Folha de São Paulo, 24/08/2008.

²⁷ Entrevista realizada com José Orlando, por Denise N. De Sordi, Ezequiel de Araújo M., Gabriel Pimentel de Melo e William M. dos Santos na cidade de Ituiutaba-MG. Data:28/05/2008. p 6.

²⁸ *Forasteiro: (o) que é estranho à terra que se encontra*. HOUAISS, Antônio (1915-1999) e VILLAR, Mauro de Salles (1939-) Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa / Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar;

Anaílton é natural de Tupaciguara e mora com sua família, ele e seu filho trabalham como empreiteiros para usinas, e prestam serviços para diversos grupos empresariais como o Rezende e o Arcom. Há quatro anos presta serviços terceirizados de mão de obra para as usinas sucroalcooleiras da região.

***Denise:** E o que que o senhor acha da expansão das usinas aqui pra Tupaciguara?*

***Anaílton:** Hoje eu posso te falar com experiência própria, vai ser péssimo! Porque pra nós, é de início é... a usina vem fazendo um trabalho com o pessoal da não só de nossa cidade, mas como de outras região. Eles tão fazendo dos trabalhador um escravo porque na verdade, eles te dá o serviço, noventa dia, dentro do... do... período dos noventa dia o cê trabalha e depois de noventa dia eles num que reconhecer o cê como um trabalhador, porque aí já tem que pagar dé... tem que pagar o seguro desemprego, o seguro desemprego não, é... tem que te pagar já o aviso e eles num quere paga aviso pra funcionário nenhum! Eles muitas das vezes hoje, te arruma o cê pra trabalhar, eu como empreiteiro, daqui noventa dias se tiver um outro empreiteiro na área qualificada eles tira minha turma e coloca a turma de outro.*

Apesar das dificuldades impostas ao trabalho nas lavouras faz-se necessária a reflexão acerca das significações do termo “cortador de cana”, que diz respeito à grande parte da polêmica que pode ser observada nos tratados de trabalho (como o Contrato de Safra²⁹), acordos e exigências sobre a produção das usinas. Pois, a partir da pesquisa percebemos a necessidade de sua descaracterização, este termo é recorrente em reportagens, artigos e livros e que nos passa a impressão de que o emprego no corte da cana é o pior a ser realizado nas lavouras das usinas.

Com esta representação ele assume o símbolo dos problemas que confrontam expectativas e exigências internacionais pelo trabalho limpo e sem escravidão. Porém, nas entrevistas os trabalhadores nos contam sobre dificuldades muito similares ao realizar outros tipos de serviços, como na irrigação, no plantio, na limpeza do solo, na condução das máquinas, dentre outros.

A partir da realização das entrevistas nos foi apresentada a questão de que não são apenas os “cortadores de cana”, mas sim milhares de trabalhadores, homens e mulheres, em diferentes momentos da produção, como no plantio, na limpeza da terra, na irrigação, na colheita, no recolher das “bitucas”, no conduzir máquinas e equipamentos, que, em sua prática

elaborado no Instituto Antônio Houaiss de lexicografia e Banco de dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 3.ed.rev. e aum. – Rio de Janeiro : Objetiva, 2009p 355.

²⁹ **Contrato de safra: manual.** – Brasília : TEM/SIT, 2002. Secretaria de Inspeção do Trabalho – SIT. Esplanada dos Ministérios, Bloco F, Gabinete Anexo, Ala B, 1º Andar. Brasília/DF.

de trabalho também enfrentam questões relacionadas à exploração e a condições desumanas de trabalho no campo e na cidade. E este trabalho determina os meios para a garantia da qualidade de sua vivência (ainda que ínfima) de vida destes trabalhadores e de suas famílias.

Um dos problemas desta generalização compõe-se do fato que os trabalhadores do corte, assim como de outros setores das lavouras, não mais se restringem a essa função, pois, acompanham um ciclo, ou seja, a sazonalidade da produção, que implica em outras atividades além do corte a partir da necessidade de manutenção material da vida individual e da família com a execução de outros tipos de trabalho.

Deste modo, compreendemos que ao nos referirmos aos trabalhadores das lavouras das usinas sucroalcooleiras que atuam em diferentes funções como “cortadores de cana” estamos prendendo-os há um *status* e a uma única função de modo a limitar o debate que pode e deve ser realizado em relação às condições de trabalho e de vivência, e que inclui um campo muito maior de atividades e percepções sobre como estes sujeitos atuam frente à sociedade e combatem valores e preconceitos impostos.

Um rápido olhar pelas revistas e artigos publicados na internet ou pelos impressos pesquisados, apontam a utilização da imagem do cortador de cana como representante das problemáticas relacionadas ao trabalho na lavoura, realizando desta forma um recorte a respeito de uma mão-de-obra que, segundo matéria publicada na Revista Cana Mix, há quase quinhentos anos era a solução da produtividade e que agora se tornou um problema frente às negociações no mercado sustentável e para a rentabilidade do negócio sucroalcooleiro. É importante realizarmos esta desconstrução no sentido de buscarmos compreender os interesses e motivos que colocam o problema do corte manual no centro das discussões sobre as condições de trabalho nas usinas.

De modo mais ampliado as vivências destes sujeitos em seu trabalho nos leva a refletir sobre suas condições de vida e sobre o modo como se inscrevem na realidade e também como são inscritos na sociedade. Pois, muitos realizam outros trabalhos, como na construção civil, que possuem as mesmas ou piores condições em termos de estrutura para sua realização e garantias trabalhistas. Desconstruir ou retirar estes trabalhadores deste campo teórico ou desta nomenclatura nos permite ampliar o olhar para outros sujeitos que permanecem à margem do reconhecimento social tanto quanto os cortadores, irrigadores, plantadores, etc.

Apesar da preocupação com os aspectos sociais e ambientais expressos no Compromisso Nacional, os estudos de mercado, que guiam as ações de todo o setor de investimento sucroalcooleiro, adotam a perspectiva, por exemplo, do estudo estratégico para o setor de Usinas realizado pelo Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos – DEPEC

do Banco Bradesco, em março de 2010, que expressa os interesses na rentabilidade do plantio da cana-de-açúcar, pois,

- 50% da cana colhida é cortada à mão; o corte é precedido da queima da palha da planta, que facilita o corte e evita riscos (exemplo cobras no canavial); 50% é colhida por máquinas, pois exige que o terreno tenha pouco declive;

*-A vantagem da mecanização é a redução do custo com mão-de-obra, pois 1 máquina substitui até 82 trabalhadores. A desvantagem é a compactação do solo, pois a máquina é muito pesada.*³⁰

E ainda sobre as *Vantagens competitivas do Brasil*

-Clima favorável e terras férteis garantem elevado teor de sacarose da cana;

-Baixo custo da terra e da mão-de-obra;

*-Elevada produtividade;*³¹

A partir da análise destas fontes oficiais fica clara a relação entre a boa aparência dos negócios e a preocupação com as condições do trabalho, apesar da aparente possibilidade de que esta seja legítima, há um viés que parte do princípio econômico do desenvolvimento privado nacional e regional que transfere todas as problemáticas do trabalho nas lavouras da cana-de-açúcar para a figura do cortador de cana, direcionando a pauta de discussões sobre o trabalho no campo³².

A preocupação humana com os trabalhadores é um ponto raso para a indústria sucroalcooleira suas maiores preocupações giram em torno de punições jurídicas por descumprimento das leis do trabalho no campo que podem gerar multas e outros “transtornos”,

...trata-se das normativas trabalhistas que, em muitas vezes são elaboradas para trabalhadores urbanos, não levando em consideração as especificidades do trabalho no campo, colocando em risco a grande maioria dos produtores rurais. “Os empregadores precisam de maior segurança jurídica, como por exemplo, uma definição mais objetiva e

³⁰ DEPEC- DEPARTAMENTO DE PESQUISAS E ESTUDOS ECONÔMICOS – AÇÚCAR E ETANOL – MARÇO DE 2010. BANCO BRADESCO. s/p. Arquivo pessoal. (Grifos meus)

³¹ Idem. (Grifos meus)

³² **Maurílio Biagi Filho anuncia criação de fundo para trabalhar imagem do agronegócio.** In: _ Revista Cana Mix- Revista de Economia da Agroindústria Canavieira. Ano 4 n° 35. Ribeirão Preto –SP: Abril de 2011. Ano pp. 40-41.

transparente do significado de “condições análogas a de escravo”, em especial as chamadas condições “degradantes” de trabalho...³³

A revista “ALCOOLbrás, Etanol, Açúcar, Alcoolquímica, Agronegócios, Biocombustíveis³⁴” publicou uma pesquisa³⁵ ponderando os custos de produção do setor com o objetivo de compreender os resultados dos custos como “eficientes”³⁶ ou não.

Um estudo sobre os custos de produção agrícola e industrial de açúcar e etanol no Brasil foi apresentado pela Escola Superior de Agricultura Luiz Queiroz da Universidade de São Paulo – USP/Esalq, durante a reunião da Câmara Setorial de Açúcar e Alcool. Os pesquisadores Leonardo Zilio e Carlos Xavier, da Esalq, mostraram os resultados do primeiro levantamento de custos na safra sucroalcooleira 2007/2008, em 32 usinas de açúcar e etanol e 14 sindicatos de produtores em oito Estados – São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Goiás, Alagoas e Pernambuco. Foram determinados dois modelos de indústria: uma típica para o Nordeste e outra típica para o Centro-Sul. Também foram calculados os custos “eficientes” dos produtos para cada uma destas regiões. Na região Nordeste e no Centro-Sul, os custos totais de produção agrícolas de fornecedores e usinas ficaram acima do preço médio de compra estabelecido nas regiões. Os custos totais de fornecedores e as usinas do Nordeste ficaram em R\$54,07/t, enquanto o preço médio de compra ficou em R\$37,43/t. Já no Centro-Sul, observaram-se custos entre R\$43,66/t e R\$48,11/t e o preço médio de compra entre R\$34,88/t e R\$35,21/t.³⁷

O enfoque econômico é o único que prevalece e os preços analisados restringem-se ao preço da tonelada de cana-de-açúcar e para baixar este custo barateia-se a produção. Este enfoque segue englobando as dimensões da geração de empregos, diretos e indiretos, da sustentabilidade devido ao etanol ser menos poluente, e a cana o recurso renovável mais utilizado na matriz energética³⁸,

³³ **Disseminando renda: Os milhares de produtores da cana distribuídos pelo Brasil comprovam que a cultura canavieira não é concentradora de renda. Mas para que esse exemplo persista é fundamental que eles permaneçam no negócio.** In: Revista Cana Mix-Revista de Economia da Agroindústria Canavieira. Ano 3 nº 29. Ribeirão Preto – SP :Setembro de 2010. p.78

³⁴ **Revista AlcoolBrás: Circulando junto ao segmento sucroalcooleiro (usinas e destilarias de açúcar e álcool), leva informações atualizadas sobre plantio, colheita e industrialização.** Fonte: <http://www.editoravalete.com.br/port/index.html>. Acesso em 03/11/2011.

³⁵ Seção Permanente Jornal **Custos**. In: Revista ALCOOLbrás – Etanol, Açúcar, Alcoolquímica, Agronegócios, Biocombustíveis. Ano XI-nº123-2009. Editora Valete: São Paulo. p.20.

³⁶ Por eficiência, compreende-se o lucro. As estimativas e pesquisas em relação à eficiência dos custos são importantes, pois, correspondem à proximidade dos custos de produção com a margem de lucros. Pode também ser compreendido como melhor lucro ou menor perda no processo produtivo.

³⁷ Idem, 13.

³⁸ DESPLECHIN, Emmanuel. Certificação do etanol: a visão da indústria brasileira de cana-de-açúcar. [S.I] [S.N].

A nova usina deve gerar 2,4 mil empregos diretos e cerca de 6 mil indiretos e pertence à British Petroleum no Brasil (BP Brasil). A expectativa é de que a usina esteja em pleno funcionamento em 2015.*³⁹

Compõe-se como um dos possíveis caminhos apontarmos, a partir destas fontes, a problemática dos investimentos provenientes de diferentes Estados ou mesmo de capital privado para a instalação de usinas, uma prática recorrente não só no Triângulo Mineiro, mas em outras regiões, Estados e países⁴⁰. Esta problemática consiste justamente no direcionamento de leis e prioridades, a partir da pressão sob o Estado, pela indústria privada sucroalcooleira principalmente nas questões relativas ao trabalho base de seu funcionamento que é desenvolvido nas lavouras.

A partir de conversas informais com empresários tomei conhecimento de que uma planta de porte simples vendida para o Peru, por exemplo, sairia em torno de 72 milhões de dólares (valor sujeito as variações cambiais), observo, porém, que estas são montadas por profissionais brasileiros⁴¹ que muitas vezes oferecem profissionalização para as comunidades locais (que, em geral estão em situação abaixo da de miséria, como no caso das províncias próximas a Angola na África), porém, após o término da montagem a administração da usina fica à mercê das políticas locais, relacionadas às formas de Estado vigentes, desconsiderando a população, ou mesmo em termos politicamente mais corretos, a responsabilidade social de melhoria de vida para estas comunidades, em termos de um retorno ou compromisso social em longo prazo. Sem contar que prevalece a intenção de venda, sobre as condições climáticas e de fertilidade do solo para o plantio o princípio de venda, o que acaba por resultar, por

³⁹ Fonte: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/multinacional-vai-investir-r-1-bi-para-instalar-usina/>. Acesso em 29/08/2011.

* ***“At BP, we are building green businesses that last. That means creating low-carbon energy businesses that will grow into successful commercial enterprises as well as delivering substantial environmental benefits: BP Alternative Energy may be focused on the newest forms of fuel and power, but it draws on the traditional strengths that BP has built up over a century of finding, producing and delivering energy to its customers. We believe renewable and alternative energy will make up an increasing share of the mix and we have therefore invested around \$4 billion since 2005 in low-carbon technologies with the potential to become material businesses for BP. The key thrusts of our alternative energy efforts are a series of biofuels ventures focused on sustainable feedstocks, increasing our US wind capacity, restructuring our solar business to reduce cost and increase competitiveness and technology development in hydrogen power and carbon capture and storage projects”.***

Fonte: <http://www.bp.com/sectiongenericarticle.do?categoryId=9033203&contentId=7060839>. Acesso em 29/08/2011.

⁴⁰ É relevante citar que o Brasil é considerado um dos maiores produtores de açúcar e álcool do mundo e a expansão das usinas não tem ocorrido somente nos limites fronteiriços do país, plantas de usinas têm sido vendidas em regiões como Angola, Tanzânia, Venezuela, Chile, Guatemala, Cuba e México, por exemplo. Plantas de usinas têm sido vendidas.

⁴¹ Em alguns países os brasileiros oferecem a profissionalização, mas na Venezuela, por exemplo, as usinas não podem ser montadas por eles, este fator está condicionado à legislação de cada país.

exemplo, na “cana deitada e/ou florida” de baixa qualidade que não permite níveis consideráveis de produtividade, principalmente para usinas novas.

Percebemos que indiretamente o foco das discussões sobre as condições de trabalho são direcionadas exclusivamente para os cortadores, atrelando estas problemáticas à solução da mecanização colocando em pauta questões ambientais as quais, com um segundo olhar mais atento, ou uma análise histórica a contrapelo (Benjamin, W.) percebemos estar ligadas aos custos de produção e à lucratividade. Nesta rede de discussões sobre o trabalho coloca-se esta discussão sobre a mecanização que segundo matéria especial sobre a colheita mecanizada publicada na revista “Idea News – atualizando executivos”⁴²,

A mecanização da colheita da cana-de-açúcar é um caminho sem volta, principalmente na região Centro-Sul. De acordo com as estimativas da Secretaria do Meio Ambiente, a média de mecanização das usinas na colheita de cana do Estado de São Paulo deve crescer para 70% na safra 2010/2011.

Segundo José Luiz Coelho, engenheiro agrônomo e gerente de Marketing Estratégico para América Latina da John Deere, na safra 2009/2010, em nível nacional, a mecanização chegou em 38% e, em São Paulo, já havia passado de 50%.

A safra 2011/11 fechou com aproximadamente 48% da produção nacional colhida mecanicamente, sendo que no Estado de São Paulo este índice já atingiu 64%. “Com as mais de 1.200 máquinas que deverão entrar no mercado até o final da safra 2011, o índice nacional pode chegar em 54% e em São Paulo, próximo de 72%”, afirma Coelho.

⁴² A Revista IDEANews é um dos principais veículos de comunicação especializados no setor sucroenergético do País. Condição que construiu ao longo de mais de dez anos, oferecendo para a cadeia sucroalcooleira informações, análises e ajudando na atualização dos profissionais envolvidos neste segmento, que é um dos mais pujantes e promissores da economia brasileira.

Mensalmente, a revista chega às mãos de empresários, executivos, fornecedores e especialistas do setor de açúcar, álcool e energia, além de uma infinidade de outras atividades relacionadas. Tanto do Brasil como de países da América Latina.

A publicação construiu uma história de credibilidade e qualidade, se notabilizando pela abordagem isenta, precisa e aprofundada dos principais temas de interesse do setor. A publicação traz editoriais como Tecnologia Industrial e Agrícola, Conjuntura, Gestão, Mercado, Executivo, Atualidades Jurídicas e Fórum, além de abordar a cada edição temas de grande relevância na matéria Especial.

Além da qualidade editorial, IDEANews é uma publicação encorpada e bonita, com formato, características gráficas e diagramação diferenciados. Atributos que renderam prêmios nacionais à revista nos últimos anos: XVI Prêmio CNH de Jornalismo Econômico (2008), II Prêmio ABAG/RP de Jornalismo (2009) e Prêmio INMET de Reportagem (2009).

A revista é gerida pela Ricardo Pinto e Associados (RPA). Uma empresa de consultoria que possibilita a abordagem na revista de temas originais e com maior profundidade. Um grande diferencial para uma publicação disposta a difundir conhecimento e atualizar o leitor. Nossa sede fica em Ribeirão Preto, SP, onde trabalha uma equipe afinada, formada por jornalistas, articulistas, executivos de contas e administradores. Um time composto por profissionais capacitados e com experiência quando o assunto é oferecer informação de qualidade. Além de cobrir os principais eventos e lançamentos relacionados ao setor sucroalcooleiro, tanto técnicos quanto políticos, a IDEANews marca presença nas feiras sucroenergéticas espalhadas pelo País, como Feicana, Forind Nordeste, Mostra Fenasucro Nordeste, Agrishow, Simtec, Forind, Fersucro, e Fenasucro&Agrocana. Fonte: http://www.revistaideanews.com.br/quem_somos. Acesso em 03/11/2011.

*Um dos principais fatores que explicam este aumento é o investimento na mecanização em nome da redução de custos. De acordo com dados da Secretaria, a maioria das grandes usinas já apresenta índice acima dos 75%. [...]*⁴³

Devemos observar que a instalação de usinas pelo Brasil tem como alvo a ser superado o corte manual, porém, como nos lembra Eurípedes Batista Ferreira, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares de Centralina e Araporã em entrevista publicada na Revista História & Perspectivas do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, ao falar sobre a mecanização nos diz que os problemas relativos às usinas e ao meio-ambiente não se restringem à queima da palha da cana-de-açúcar,

***Eurípedes:** Com certeza. Eu vou falar uma coisa aqui que as veiz vão me massacrar por isso né? Defendo o meio ambiente, acho que tem tudo a ver. Mas as queimadas não é o mais importante na cana-de-açúcar. Não é o problema principal da cana-de-açúcar... Enquanto eles tão vendendo assim não se pode queimar. Por que...? Mas aí eles pega e me dá outorga pra sugar os rios... sugar as águas... isso vai depredar mais o meio ambiente. Eles pegam jogam agrotóxico... de tudo quanto é tipo nas lavouras, nas nascentes... e eles não falam isso. Os promotores é... fala “vamos proibir as outorgas”, “vamos cortar as águas”..., “não usar tipo X de herbicida”... mas eles proibiram as queimadas, que reflete na questão social. Tem X pessoas que dependem dessa queimada, é um problema do meio ambiente, mas tem outros que eles não olham... não é o problema principal do meio ambiente essas queimadas não, tem outras coisa que prejudicam muito mais.*⁴⁴

É relevante observarmos que as usinas sucroalcooleiras possuem diferentes portes, produções e equipamentos para os processos de produção e desta forma, para seu funcionamento, causam alterações no espaço socioeconômico e ambiental em que atuam. A questão ambiental, apesar de muito importante, se coloca como articuladora social dos problemas ocasionados pela expansão das usinas e sombreia outras questões tão problemáticas quanto esta.

⁴³ CHERUBIN, Natália. **Colheita mecanizada: no ritmo certo**. In: IDEA News – atualizando executivos. ANO 11- Número 127, maio de 2011. p.8 (Grifos meus).

⁴⁴ Entrevista realizada por Sérgio Paulo Morais, Paulo Roberto de Almeida e Renata Carolina Resende com Eurípedes Batista Ferreira – Presidente do Sindicato dos trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares de Centralina e Araporã e publicada integralmente na revista do Instituto de História, vinculada aos cursos de Graduação e ao Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, Núcleo de Pesquisa e Estudos em História, Cidade e Trabalho História & Perspectivas, n° 41 jul.dez. / 2009. Uberlândia: EDUFU. p. 217.

O foco da presente discussão, não tem por objetivo apenas apontar um dos vilões dos ditos males sociais, mas sim propor um diferente olhar e uma diferente abordagem sobre o trabalho e outras questões que envolvem muito mais do que estruturas industriais. Estas, relacionadas ao processo de expansão das usinas, não priorizam em suas ações as experiências e viveres das pessoas e o ambiente em que vivem. O processo de expansão envolve em seu planejamento e execução indústrias de automação, construtoras, exportadoras e importadoras de equipamentos, por exemplo.

Observamos enquanto isso, que através de repasses orçamentários e ajustes fiscais diretos e indiretos realizados pelo poder público e através de certificações internacionais como a BSI, usinas sucroalcooleiras privadas têm recebido investimentos públicos de alto valor para iniciarem suas atividades,

*Minas Gerais vai receber mais R\$ 211 milhões em investimentos no setor sucroalcooleiro. O secretário de Desenvolvimento Econômico, Wilson Nélio Brumer, o sócio proprietário da empresa Bioenergética Aroeira Ltda, José Feres, e diretor comercial da Usina Itapagipe, José Eduardo Diniz Junqueira, assinaram, nesta quinta-feira (21/12), protocolos de intenções para implantação de uma usina produtora de açúcar e álcool e ampliação de outra, ambas no Triângulo Mineiro. No total, serão criados cerca de 1,7 mil empregos diretos.*⁴⁵

A Bioenergética Aroeira é empregadora de grande parte dos trabalhadores entrevistados na cidade de Tupaciguara, além compor um grande grupo empresarial. Esta usina foi instalada na cidade em 2010 e é a maior usina, em termos de produtividade e empregabilidade, da cidade. Conta com terras para plantio arrendadas⁴⁶ (a partir de terceiros) de fazendeiros e produtores da região,

O grupo Maubisa, holding da família Amorim Biagi, prevê inaugurar em julho deste ano a Bioenergética Aroeira, localizada no município de Tupaciguara (MG). A unidade terá capacidade para processar 6,5 mil toneladas/dia de cana, integralmente fornecida por terceiros. Na primeira temporada, a usina fará apenas uma meia safra, ainda sem previsão de produção. A partir do ano que vem, a planta passa a operar com capacidade máxima. Ao todo, Aroeira terá capacidade para produzir 100 milhões de litros de etanol por safra e cogerar 10 MW, sendo metade da potência instalada voltada para exportação.

⁴⁵ <http://www.desenvolvimento.mg.gov.br/pt/component/content/134?task=view>. Acesso em 30/08/2011.

⁴⁶ Informações sobre arrendamento em Uberaba e região ver <http://www.brasildefato.com.br/node/6579>. Acesso em 07/11/2011. Ou ainda: NEVES, Marcos Fava, CONEJERO, Marco Antonio. **Por que algumas usinas compram mais cana de fornecedor do que outras?**. In: Revista Canamix, Setembro:2010, ANO 3, Nº 29, pp.130-132.

Aroeira será a primeira usina sucroalcooleira da Maubisa, após a venda de sua participação no grupo Moema para a Bunge, em dezembro do ano passado. A intenção da companhia, no entanto, é não se desfazer do greenfield. “Nosso objetivo, no longo prazo, é manter a participação no projeto”, conta o diretor da Bioenergética Aroeira, Gabriel Junqueira. A usina é fruto de uma sociedade formada pelos grupos Maubisa, Perplan e Saci. Além de Aroeira, as companhias estudam construir mais um projeto: a Central Energética Monte Alegre de Minas (Cemam), a ser construída em município homônimo, em Minas Gerais. O projeto está em fase de licenciamento.⁴⁷

Percebemos que a demanda produtiva da indústria sucroalcooleira frente ao mercado nacional e internacional, requer atividades em diversos setores da lavoura de cana-de-açúcar. Estas atividades influenciam nos modos pelos quais os trabalhadores são empregados tanto no campo quanto nas cidades.

A pesquisa nos mostrou que, de acordo com sua ocupação, o trabalhador da lavoura da cana depende da sazonalidade da produção agrícola e das relações que estabelece com os fiscais de campo que são intermediários entre ele e seu empregador, estas são determinantes na contratação para o período de plantio na mesma usina

O trabalhador que é operador de máquinas, por exemplo, e tem especialização e prática depende da contratação sazonal, mas o movimento que tem ocorrido devido ao processo de mecanização da produção é que as usinas invistam (financiando e obtendo descontos com auto-escolas para que os trabalhadores tirem suas habilitações, por exemplo) nesses trabalhadores de modo que possam operar as máquinas em diferentes situações que não só as de colheita. Outros trabalhadores podem optar, devido a diversas situações, a trabalhar, como é mais recorrente, na construção civil enquanto aguardam nova oportunidade de emprego.

Muitos deles passam o ano viajando pelo país acompanhando a sazonalidade da produção das lavouras de cana-de-açúcar⁴⁸ ou realizando outros serviços, quando não o são contratados pelas usinas. Este movimento pôde ser mais bem compreendido no decorrer, da produção de entrevistas para esta pesquisa na cidade de Tupaciguara – MG, com os trabalhadores das usinas.

⁴⁷ Fonte: <http://www.energiahoje.com/online/biocombustiveis/alcool/2010/03/15/406150/familia-biagi-de-usina-nova.html>. Publicado em 15 de março de 2010. Acesso em 21/10/2011.

⁴⁸ A colheita na região Centro-Sul do Brasil é realizada entre os meses de abril a novembro e na região Norte-Nordeste de setembro a abril. Fonte: DEPEC- DEPARTAMENTO DE PESQUISAS E ESTUDOS ECONÔMICOS – AÇÚCAR E ETANOL – MARÇO DE 2010. BANCO BRADESCO. s/p. Arquivo pessoal.

Edmilson: Olha, é... só o ano passado que eu fiquei um período bom assim parado né? Aí eu fui pra Alagoas pra passa o réveillon, aí a empresa de lá tava em período de safra, lá em Alagoas, aqui tava parando lá ainda... lá eles tava, aí eu consegui me emprega lá no ano passado... Eu trabalhei acho que foi dois ou três meses, aí eu pedi demissão pra poder retornar pra cá, pra Minas Gerais que tava começando aqui.

Denise: Urrum. E nesse seu tempo que você ficou parado... o que você fazia?

Edmilson: Olha, eu sempre procuro fazer alguma coisa pra não ficar parado né, pra ter... ter uma renda entendeu? Independente de se com máquinas. Quando não é período de máquinas... colheita, eu faço outra coisa, procuro outro serviço.

Denise: Você já pegou na construção civil também?

Edmilson: Sim, já quando eu cheguei em 2008 em Ituiutaba eu passei 30 dias parado esperando a empresa chama e não chamava, então enquanto isso ela não me chamava eu trabalhava de servente de pedreiro dentro da cidade.⁴⁹

Em alguns momentos, como na entre safra, estes trabalhadores são contratados para serviços gerais pelos fornecedores de cana das usinas, como nos explica Edmilson ao compartilhar sua experiência em Alagoas na cidade de Boca de Mata, onde sua família mora atualmente,

Denise: O que o pessoal costuma pegar pra trabalhar em sua região?

Edmilson: Olha, lá a lavoura de cana que é o forte. No período da entre safra, eu no início, quando eu tinha dezoito anos trabalhei muito em cerâmica faze tijolos, fazê telha, lá faz, faz manual. Lá foi quando eu cresci na fazenda, trabalhando em cerâmica, entendeu? Aí quando eu completei meus dezoito ano eu já tava dentro da cidade aí eu falei “não, num quero cerâmica mais vou trabalhar em usina”. Então a gente na entre safra trabalhando com os particulares lá né? Na limpa de cana entendeu? Rancando muda de capim, esses serviços diversos...

Denise: E esses serviços diversos é a usina que chama pra fazer como que é?

Edmilson: Não, é terceirizado, os particulares que fornece a cana pra usina, os fornecedores...

Denise: A, então é tipo o pessoal que arrenda a terra?

Edmilson: Isso, tem tudo, a empresa tem todo fornecedor que é cana aí planta por conta própria aí fornece pra usina né?⁵⁰

O mecânico Francisco compartilhou durante a entrevista sua experiência com a construção civil, com os serviços gerais, inclusive como bituqueiro,

⁴⁹ Entrevista realizada no dia 14/07/2011 com Edmilson Francisco da Silva na cidade de Tupaciguara-MG. Edmilson é operador de máquinas colhedoras nos canaviais da Usina Bioenergética Aroeira.p.4

⁵⁰ Idem, p.5.

Denise: *Francisco, fala, por favor, um pouco de você, o que que você faz? De onde você veio?*

Francisco: *É, eu sou do Maranhão eu vim pra cá, pra Minas Gerais, pra trabalha né? Trabalha em barragem, aí vim trabalha na cimenteira, em tudo isso... aí fui e voltei pro Maranhão de novo, aí voltei, aí fui lá aí lá não deu certo aí voltei pra trás de novo pra trabalha aqui. Aí quando eu cheguei aqui de novo eu arrumei um emprego na usina, trabalhava lá aí eu comecei a trabalhar na roça, é... plantio de cana, plantio, corte... aí eu comecei a trabalhar bituca aí eu comecei a trabalhar de mecânico na usina, aí foi isso.⁵¹*

E quanto ao trabalho em outras regiões do país,

Denise: *Arram, e antes de vir trabalhar aqui em Tupaciguara cê já tinha ido trabalhar em alguma outra cidade?*

Francisco: *Já tinha ido pro Mato Grosso do Norte e do Sul. Aí no Mato Grosso do Norte eu trabalhava com soja e só isso mesmo, e do Sul a mesma coisa também. Aí quando eu cheguei pra cá trabalhei nesses outros serviços, é corte de cana, de feijão, barragem que é construção civil e agora to trabalhando na mecânica agora. Na cimenteira.⁵²*

O serviço dos (as) bituqueiros (as) constitui importante papel no processo de aproveitamento de cem por cento da produção para as usinas que mecanizam a colheita e compõe um tipo de serviço informal (diarista), executado tanto por mulheres, quanto por homens. Esta atividade demonstra o desenvolvimento da precarização do trabalho nas usinas sucroalcooleiras, principalmente com o processo de mecanização da colheita, que necessita dos (as) bituqueiros (as) para obter a totalidade da produção, além do que, estabelece relações informais de trabalho.

Edmilson: *É homem ou mulher, porque sobra cana e o a máquina passa a carregadeira pegando cai cana sobra pelo rastelo entendeu? Fica muita cana, aí tem esse pessoal que vai, os bituqueiro juntando aquele tanto que ta sobrando fazendo outro monte depois a máquina passa recolhendo, pra não fica aquela cana lá pra trás.⁵³*

⁵¹ A entrevista foi realizada com Francisco e Maiara, sua esposa, na cidade de Tupaciguara-MG, no dia 14/07/2011. Francisco é mecânico na lavoura da Usina Bioenergética Aroeira. p.1

⁵² Idem, p. 3.

⁵³ Entrevista realizada no dia 14/07/2011 com Edmilson Francisco da Silva na cidade de Tupaciguara-MG. Edmilson é operador de máquinas colhedoras nos canaviais da Usina Bioenergética Aroeira. p.19

Edmilson saiu de Boca da Mata em busca de emprego como operador de máquinas nas lavouras, após passar por outras cidades foi para Tupaciguara por indicação de um amigo. E ao contrário do que planejou, trabalhou primeiramente no plantio, depois no corte da cana e ainda como condutor de tratores para só depois ter a oportunidade de ser condutor de colhedeiros.

Edmilson: [...] E olha que eu vim pra trabalhar com máquinas, operador e não consegui, passei trinta dias a empresa não me chamou, dei minha carteira pra trabalhar no campo, corta cana e planta cana. Era o que eu num tava querendo, eu trabalhava com máquina vim trabalhar com máquina e como eu precisava trabalhar e manter minha família eu tinha... aí eu tive que trabalhar, falei “não, vou trabalhar que de lá eu tento subi”... Foi o que eu fiz, trabalhei mais ou menos três meses sofrendo, sofrendo, sofrendo, mas também num parava um minuto de corre atrás, leva currículo, fala com o supervisor, conversando com todo mundo até que um certo dia graças a deus deu certo, fui transferido.

Denise: Então cê trabalhou três meses com o corte?

Edmilson: Com o corte de cana, lá só que lá era plantio né? Corta cana mesmo, pra corta eu fui uns três ou quatro dia, depois só era plantando que a gente já tava lá no plantio né? Ai ia plantando, eu fiquei pelo menos uns três meses sem saí plantando cana.

Denise: E o que que é trabalhar direto no campo assim?

Edmilson: Muito... dolorido. Sofre muito eu falava toda hora perguntava a deus o que, que tava acontecendo porque que eu num saia logo dali, porque assim é um serviço que eu num tinha muita renda entendeu? É pra produzir... mas tirando pouco.

Denise: É por produção também o salário que...

Edmilson: ...por produção.

Denise: O que que cê acha disso?

Edmilson: Olha, pra quem consegue ter uma produção boa é excelente, tem muita gente que não deixa de corta cana pra trabalha com máquina, porque ele, individualmente ganha muito bem. Ele tem uma produção excelente. Mas eu se eu for trabalhar no corte de cana, num consigo produzir tanto pra ganhar mil e quinhentos mil e setecentos reais. Entendeu? Num consigo...

Denise: Quanto que a gente tem que produzir pra... como sendo trabalhador do corte pra ganha esse tanto por mês mais ou menos? Que eu sei que tem a produção diária né...

Edmilson: Pois é, eles fala lá... umas sete oito toneladas de cana tem que corta, entendeu?

Denise: É muita coisa...

Edmilson: É muita... Quando eu fui cortar lá na CNA, era cana crua, cana do tamanho dessa casa aqui eu tentava abraçar uma torcera toda e corta, tentava produzir mas logo eu cansava, eu num guentava produzi tanto falava “não isso aqui num é pra mim” entendeu? Num é porque eu num queria, eu tinha o jeito sabia fazê, mas só que eu não conseguia porque eu cansava, entendeu, mas só que eu não conseguia produzi

tanto, pra ganhar bem, leva quarenta, trinta reais, mas só que com máquina eu ia ganha mais e era o meu hobby, ainda é né, continua sendo, então... eu falei “não, isso aqui ... graças a deus vai se um estímulo pra mim pode pula disso aqui de novo”. Graças a deus eu sai de lá fui transferido, comecei a trabalhar com o trator depois, a empresa CNA mandava a gente pra São Paulo treina com colhedora, foi pra Planura também, trabalhei na Continental em São Paulo... Aí eu fui, mas já tinha selecionado os operário e os colhedor, eu cheguei trabalhando com trator, mas dentro da empresa, dentro de quarenta e cinco dias num teste da CNA eu trabalhando no transbordo, trator, eu peguei a oportunidade de pega as colhedora. Pouquinho que eu peguei foi o suficiente pro rapaz fala, chama o supervisor, falando da aproximação, dessa oportunidade que se pudesse me dá que eu dava conta da máquina, aí já, já dei graças a deus já, no outro já me deram a máquina zero, aí só fui...⁵⁴

A partir da leitura das entrevistas percebemos que, a motivação para a busca de emprego em diversos lugares apresenta-se como uma alternativa de sustento para o viver, além da ajuda com as despesas da família ou a falta de perspectivas nos empregos oferecidos em suas regiões de origem, que muitas vezes correspondem à atividade pretendida, porém, oferecem salários muito baixos, muitas vezes menores que o salário mínimo. Neste sentido, as falas de Edmilson e Francisco apontaram este como um dos elementos para compor esta pesquisa,

Denise: *Arram. O que que tem aqui que torna mais fácil, além do salário e a facilidade de trabalho?*

Francisco: *Não, isso é o salário, que lá, lá não tem salário igual aqui. Aqui eu ganho mil e cem, mil e duzentos, assalariado e lá eu num ganho isso, lá a gente trabalha num servicinho, mas não é salário igual aqui... certo, ganha o salarinho, mas sabe como é que é o salário. Salário, aí... aquele salário que a gente tem lá num dá pra fazê nada.*

Denise: *Como que é o custo de vida, daqui e de lá?*

Francisco: *É, as coisa aqui, já comprei coisa aqui, as coisa em mercado aqui é melhor pra se viver do que lá. Que aqui as coisas são mais baratas, lá certas coisa lá... é que o negócio é o seguinte, a gente faz uma comprinha é duzentos e pouco... trezentos... e aqui não, aqui a gente faz uma comprinha assim, mais ou menos assim dá cem... cento e cinqüenta...⁵⁵*

Na entrevista com Edmilson perguntei-lhe se sentia falta da família em Boca da Mata e quais eram as vantagens em permanecer em Tupaciguara, ele respondeu que,

⁵⁴ Idem, p.4

⁵⁵ Entrevista realizada com Francisco e Maiara, sua esposa, na cidade de Tupaciguara-MG, no dia 14/07/2011.p.4.

Edmilson: *É muita coisa né? Saudade aumenta, muitas vezes me perguntam, muita gente me pergunta “vale a pena?” Pra mim vale, porque eu estando lá os meus familiares num podem me ajuda...O que eles ganham lá são pra eles, num podem comprar um roupa pra mim, num podem me ajuda quando eu puder entendeu?O que eles ganham lá já é o necessário só pra eles, já é apertado, então vale a pena porque assim por longe a saudade a gente mata no telefone, final de ano eu dou um jeito eu vou lá entendeu?E a minha renda aqui graças a deus eu ganho bem entendeu? Num ganho mal... e quando eles precisam lá...[...]*⁵⁶

O campo das motivações e tensões percebidas entre a busca pelo trabalho e o deslocamento territorial, o deixar a família, está ligado às necessidades de vivência, e é apontado pelos entrevistados como parte do processo da aparente corrupção e exploração dos trabalhadores pelos empresários, aliados ao Estado, em suas regiões.

Denise: *E por que que você acha que tem essa diferença de salário de lá pra cá?*

Edmilson: *Eu acho que o pessoal lá é mais... num sei ... num eu acho que o ministério do trabalho lá deve ser comprado entendeu? A lei num vale muito entendeu? Tem só no papel, num põe em prática entendeu? Os usinero compra eles entendeu? Eles faz o que quer o sindicato, o trabalho é mais ou menos isso aí, eu num posso afirma, mas é o que eu imagino.....porque aqui tem as leis, mas vale mais entendeu? O pessoal paga mais justo, ainda as empresa daqui não paga cem por cento como deveriam funciona ma paga noventa oitenta, lá paga cinquenta por cento se paga, porque eu tiro quando eu trabalhei com máquina lá de operador, o meu salário era cento e sete reais! E teve uma hora que trabalhei um mês inteiro, quando termino a safra eu tava com trinta dias completo aí eu tinha a minha rescisão que é mais o salário, me pagaram setecentos reais em tudo falei “num tem lógica não!”*⁵⁷

Neste sentido, o diálogo entre Geografia e História no artigo de Túlio Barbosa e Sérgio Paulo Moraes nos auxilia a pensar uma nova proposta de abordagem para o conceito do termo “migrante”, representativo da dinâmica de deslocamento na busca por trabalho,

A movimentação social no sentido de “migração” implica em instâncias institucionalizadas conceitualmente que por si e em si revelam o problema, e simultaneamente, a tentativa de solução – o que empobrece a compreensão da realidade. O caminho, portanto é a crítica; assim, o conceito não deve revelar a realidade, mas forçar-nos

⁵⁶ Entrevista realizada no dia 14/07/2011 com Edmilson na cidade de Tupaciguara-MG. p. 15

⁵⁷ Idem, p.12.

*a pensar sobre a mesma, pois, ao ideologicamente atribuímos valores definitivos aos conceitos impossibilitaremos a compreensão da realidade.*⁵⁸

Estes trabalhadores podem ser vistos como “migrantes” no sentido literal do termo migração⁵⁹, porém ao refletirmos a partir de suas narrativas, a respeito da significação deste notamos que favorece a construção do estereótipo destes trabalhadores “migrantes”, “cortadores de cana”, “nordestinos” dentre outros.

As leituras das entrevistas com os trabalhadores nos apontam como um dos caminhos de pesquisa a busca pelo emprego e ainda que, hoje são poucos os “bóias frias”, os que levam a “bóia” de casa para o campo. Com a expansão das usinas e da indústria no país o movimento sócio-espacial recompõe-se pelo acompanhamento das oportunidades certas ou incertas de trabalho em diversas regiões, e estes trabalhadores da “cana” não são apenas das lavouras das usinas, eles executam outros serviços em diferentes áreas, ou seja, compõe uma categoria específica de trabalhadores que, não por opção, buscam o trabalho em diferentes regiões do país em períodos em que a demanda por mão de obra é maior.

Em conversa informal com o Sr. Luiz que estava à espera do ônibus para o trabalho na usina na praça central de Tupaciguara ele contou que saiu da Usina Cachoeira, que existe há muitos anos na cidade, para tentar serviço de motorista na Usina Bioenergética Aroeira, porém sentiu-se inseguro e desconfiado quanto às garantias de trabalho em longo prazo e voltou para seu antigo emprego mesmo com o receio de que não fosse recontratado. Anaílton, em sua entrevista, avaliou a presença e a relação da usina Bioenergética Aroeira em Tupaciguara e com os trabalhadores,

***Denise:** E ele (Luiz) tava me contando que lá é uma usina familiar e que é mais... assim, o modelo de usina, de empresa é bem melhor, mais garantido do que, por exemplo, uma usina como a Aroeira, que é uma usina que vem de um grupo que é maior, que vem de outras regiões e que vem e se instala na cidade sem ter nenhuma ligação com ela, que que o senhor acha disso?*

***Anaílton:** Uai, se for dessa forma que cê tá falando é muito bom, porque... na usina aqui pelo o que eu tô vendo aí eles vão repassar todos os funcionários da cidade, como já repassou todos, é... num é aquele funcionário efetivo, né, fica te experimentando. Até mesmo pra*

⁵⁸ MORAIS, Sérgio Paulo. BARBOSA, Tulio. **Movimento Sócio-espacial: Abordagens e perspectivas de investigação.** In: Ciência Geográfica – Ensino – Pesquisa – Método (Seção Bauru / Associação dos Geógrafos Brasileiros/ Editora Saraiva) – Bauru/ São Paulo – SP. Ano I – nº1 (1995) – Janeiro-Dezembro/2011. pp 18-29.

⁵⁹ *Migração: movimento de entrada ou saída de indivíduos em países diferentes ou dentro de um mesmo país.* HOUAISS, Antônio (1915-1999) e VILLAR, Mauro de Salles (1939-) Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa / Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar; elaborado no Instituto Antônio Houaiss de lexicografia e Banco de dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 3.ed.rev. e aum. – Rio de Janeiro : Objetiva, 2009. p 504.

*fugir fora do, fugir fora do, da lei trabalhista, porque eles não quer ter vínculo nenhum com trabalhador! ...*⁶⁰

Percebemos complexas questões relacionadas às usinas que abarcam vasta área de saberes e práticas. Porém, ao adotarmos as perspectivas e trajetórias dos trabalhadores, a partir do recorte não mais restrito a idéia dos “cortadores de cana” e dos “migrantes” tornamos possível a construção de um ponto de partida que acaba por abarcar, ou ao menos indicar, caminhos para a discussão e compreensão destas questões de modo que uma diferente rede de percepções e interpretações possa ser construída priorizando os viveres e as experiências destes trabalhadores não apenas no espaço de seu emprego, mas a partir de suas relações com o social e a realidade com o objetivo de ampliar olhares e compor outras histórias para além do senso comum da lógica produtiva.

⁶⁰ Idem. p.6.

CAPÍTULO 2

Uma abordagem para além das relações de trabalho.

A partir das leituras das entrevistas realizadas com os trabalhadores na cidade de Tupaciguara pudemos perceber e compreender aspectos do trabalho desenvolvido nas lavouras das usinas sucroalcooleiras, e deste modo desenvolver e ampliar nossos questionamentos e percepções. Além de ajustar o foco para a questão central, que, como percebemos com a pesquisa de campo, não dizia respeito somente ao trabalho executado nas lavouras, mas a buscar perceber e recompor, por diferentes olhares, quem são estes trabalhadores e partir da percepção de seus modos de vida para tratar do emaranhado debate sobre as usinas sucroalcooleiras.

Neste sentido, o trabalho com as fontes orais foi fundamental para buscarmos as diferentes manifestações da cultura e dos viveres, de modo a construir a compreensão não a partir das usinas, mas do movimento real, sair da teoria para a prática, e ao mesmo tempo compor um instrumento contrário às idéias e informações dominantes.

A leitura e diálogo com o texto de Alessandro Portelli *“O momento de minha vida”: funções do tempo na história oral*⁶¹ auxiliam a compreendermos o papel da cultura na história oral bem como do tempo na seleção das lembranças e experiências pela memória dos sujeitos ao nos contarem sobre suas vidas. Deste modo, percebemos que estes são compreendidos como trabalhadores, mas se colocam ou se apresentam e se inscrevem socialmente enquanto sujeitos “multifacetados”, ou pessoas que para falar do trabalho, nos apresentam outros elementos referentes às suas vidas, a partir de outras experiências, viveres e sonhos.

Ou seja, a atividade do trabalho através do emprego nas usinas sucroalcooleiras não é o ponto articulador principal de suas vidas, e talvez ao os identificarmos enquanto “trabalhadores das lavouras” também cometeremos o mesmo ato sectário, de fechá-los ao *status* de “migrantes” ou “cortadores de cana”, porém, para que este confronto não recaia sobre nós, é preciso compreender que o trabalho é uma esfera da dinâmica de vivência destes sujeitos, pois, pelo contrário, corremos o risco de esquecermos que estes também se movimentam e influenciam no espaço social.

⁶¹ PORTELLI, Alessandro. **“O Momento da minha vida”: funções do tempo na história oral**. In.: Muitas Memórias Outras Histórias. [Orgs.] Déa Ribeiro Fenelon, Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. Editora: Olho D’água. São Paulo: 2005, pp 296-313.

Adotamos para este segundo capítulo a análise destas outras esferas para questionar e melhor compreender o trabalho a partir da experiência destes sujeitos, por compreendermos que as esferas do trabalho não se movimentam por si só. Ou seja, a lógica das usinas sucroalcooleiras não está nem acima e nem abaixo em uma escala de prioridades, assim como as condições dos empregos para os quais trabalhadores são designados por suas posições materiais pela sociedade regida pelos modos de produção capitalistas.

De modo abrangente, é preciso pensar que os modos de produção caminham ao lado destes viveres e tem sua lógica direcionada por interesses de terceiros e não por um sistema autônomo componente do capitalismo, ou ainda pelos interesses dos trabalhadores.

Tomar como ponto de partida as perspectivas e análises práticas permite que este processo nos auxilie a refletir sobre como a política, aqui compreendida pelas relações dialógicas entre o trabalho e as experiências, se articula. Adotando como mote para a discussão o trabalho, percebido a partir de como os sujeitos vivenciam e se inscrevem no viver cultural da sociedade.⁶²

Neste sentido, o diálogo com E. P. Thompson coloca elementos valiosos para a discussão acerca das relações entre os sujeitos e a história, permitindo a compreensão dos movimentos no, por assim dizer, espaço dos processos históricos de maneira mais ampliada e coerente,

Classe, na tradição marxista, é (ou deve ser) uma categoria histórica descritiva de pessoas numa relação do decurso do tempo e das maneiras pelas quais se tornam conscientes de suas relações, como se separam, se unem, entram em conflito, formam instituições e transmitem valores de modo classista. Nesse sentido, classe é uma formação tão “econômica” quanto “cultural”; é impossível favorecer um aspecto em detrimento do outro, atribuindo-se uma prioridade teórica⁶³.

Assim, pensar a lógica econômica por si só, neste caso, priorizar a lógica das usinas sucroalcooleiras, seria não considerar a presença de pessoas, ou dos trabalhadores das lavouras destas, bem como seus movimentos e ações na realidade que apontam para a necessidade de outros olhares.

Ainda na trilha de Thompson,

⁶² KHOURY, Yara Aun. **Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história**. In: Muitas Memórias Outras Histórias. [Orgs.] Déa Ribeiro Fenelon, Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. Editora: Olho D'água. São Paulo: 2005, pp 116-138.

⁶³ THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos** / E. P. Thompson; organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. –Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.p.260.

*O que muda, assim que o modo de produção e as relações produtivas mudam, é a experiência de homens e mulheres existentes. E essa experiência adquire feições classistas, na vida social e na consciência, no consenso, na resistência e nas escolhas de homens e mulheres.*⁶⁴

Esta “experiência”, como a pesquisa nos apontou, é composta por elementos particulares da vida dos sujeitos, porém se articula a outras esferas e ações que as influenciam e às vezes, de certa forma, as condicionam como um movimento compartilhado determinante do lugar e da prática social destes trabalhadores. Assim, o debate acerca dos trabalhadores das lavouras das usinas sucroalcooleiras faz-se entre convergências e divergências, porém, encontra o mesmo pano de fundo para as ações compondo a heterogeneidade da categoria pelas experiências individuais.

Deste modo, voltando para a prática, há ainda a análise dos modos e percepções pelos quais estes sujeitos são percebidos pelos órgãos oficiais de registro de trabalhadores em Tupaciguara. Entrevistei Ana Celita funcionária do SINE⁶⁵, responsável pelo cadastro de trabalhadores, com o objetivo de obter dados relacionados à quantidade de trabalhadores registrados que chegam de outras regiões do país para trabalhar na cidade,

Denise: *E esse pessoal tem vindo de onde?*

Ana Celita: *Pois é, tem muitas pessoas trabalhando mesmo aqui da cidade, contratados aqui pela Tupaciguara e também tem os de Monte Alegre, provavelmente tem de Uberlândia, as outras cidades eu não sei... Araguari e de Itumbiara eu não sei. Mas Monte Alegre é mais certeza...*

Denise: *E dessas regiões do Norte de Minas... uma moradora me disse que tem bastante gente do Maranhão também...*

Ana Celita: *Tem, mas eu não tenho essa informação certinha pra ta te passando. Eu sei, mas que tem mesmo aqui de Minas mesmo que seria Monte Alegre...[...] Isso, da região mesmo... Então, os únicos registros assim... destes trabalhadores que ta vindo mesmo é Monte Alegre...*⁶⁶

O SINE não detém o registro dos trabalhadores de outras regiões do país. E ao andar pela cidade perguntando para moradores que estavam nas calçadas sobre estes, eles não souberam me informar sobre pessoas de outras regiões do país que trabalham na

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ O SINE foi instituído pelo Decreto n.º 76.403, de 08.10.75 e tem como Coordenador e Supervisor o Ministério do Trabalho, por intermédio da Secretaria de Políticas de Emprego e Salário. Sua criação fundamenta-se na Convenção n.º 88 da Organização Internacional do Trabalho - OIT, que trata da organização do Serviço Público de Emprego, ratificada pelo Brasil. Fonte: <http://www.mte.gov.br/sine/oquee.asp> Acesso em 10/11/2011.

⁶⁶ Entrevista realizada com Ana Celita na sala do SINE no Centro Administrativo de Tupaciguara. 14/07/2011.

Bioenergética Aroeira, apesar de comporem um número expressivo de moradores na cidade de Tupaciguara. As referências restringem-se aos trabalhadores de cidades locais como, por exemplo, Monte Alegre.

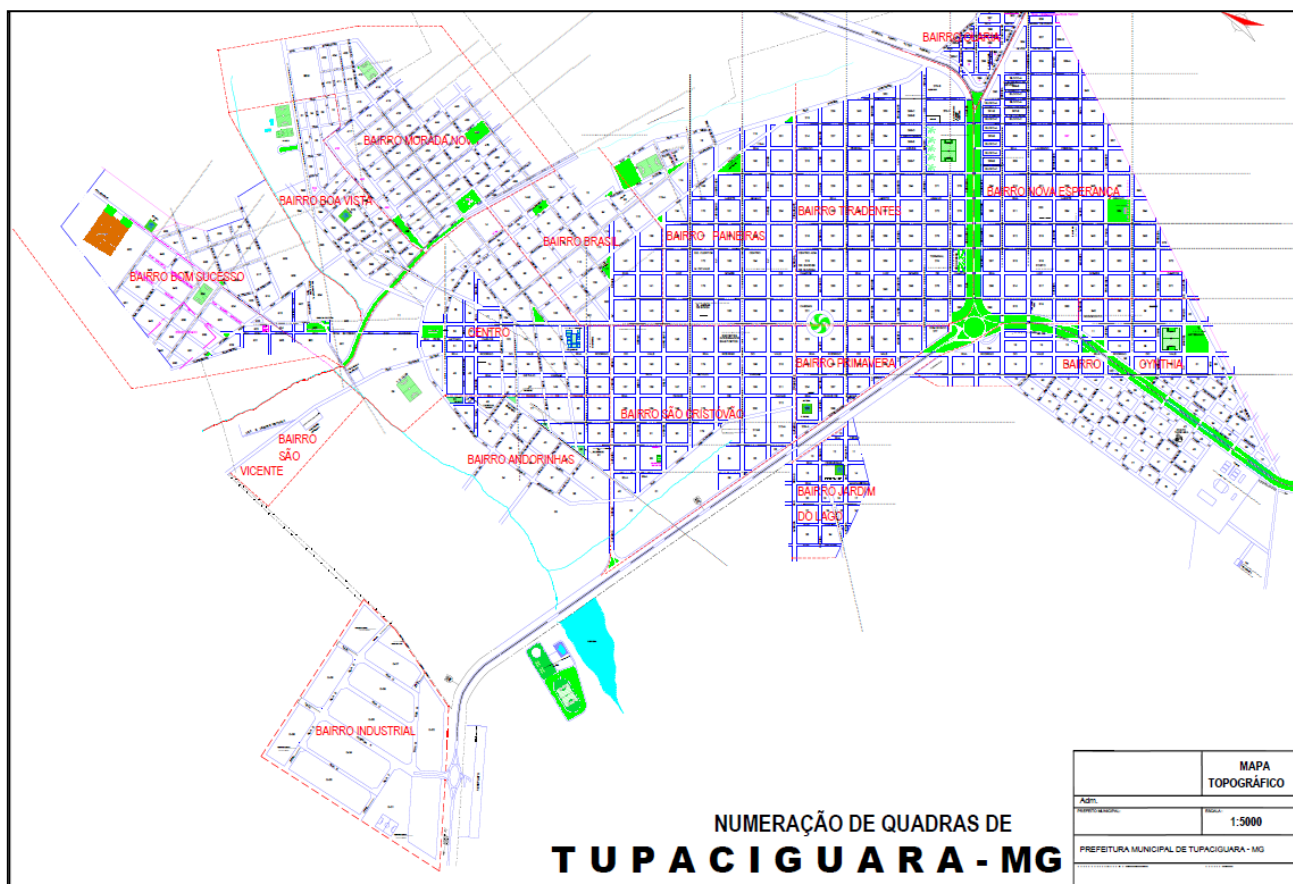
No decorrer da pesquisa interoguei as pessoas nas ruas da cidade sobre o local de moradia destes trabalhadores, pude perceber que há a percepção destes no espaço da cidade, porém é um assunto que “não é” ou “não deve” ser tocado. Mesmo perguntas relacionadas a eles feitas em bares, supermercados ou fornecidas pelo SINE ou por moradores da cidade nos revelam outro olhar que é permeado pela vontade de afastamento daqueles que são de fora.

Os atendentes do Terminal Rodoviário de Tupaciguara informaram que estes trabalhadores moram em diferentes lugares por toda a cidade, porém os moradores da região central indicam os bairros de Nova Morada, Colina, Bela Vista e outros mais afastados da região central como o local de moradia reservado aos trabalhadores das usinas.

Porém, quatro trabalhadores entrevistados para esta pesquisa dividem aluguel com colegas e irmãos na região central da cidade (a média de trabalhadores nas casas varia entre sete e nove⁶⁷) e um deles mora com sua esposa e filha em casa alugada, todos no entorno do Centro Administrativo de Tupaciguara e da rodoviária, que demarcam a região central da cidade.

Percebemos com o mapa da cidade de Tupaciguara, apresentado na página seguinte, que os bairros citados pelos moradores da região central, mais elitizada, são os mais afastados da cidade, os bairros periféricos, onde a vista do visitante/pesquisador não alcança. Deste modo é perceptível o conhecimento da presença destes na cidade, porém, não se fala disso, principalmente para pessoas de fora que visitam a cidade, como em uma tentativa de preservá-la como lugar livre da presença dos trabalhadores das lavouras vindos de outras regiões do país que representam problemas para a cidade como roubos, brigas, tomada de vagas de empregos locais, dentre outros. Compreender estas relações amplia nosso entendimento acerca destas tensões silenciosas presentes na cidade.

⁶⁷ Esta afirmativa é baseada nas conversas que tive com os trabalhadores e nas entrevistas realizadas em suas casas onde pude observar e abordar este ponto junto aos trabalhadores.



MAPA 1 – Mapa da cidade de Tupaciguara-MG⁶⁸

Fonte: Secretaria de obras da cidade de Tupaciguara – MG.

Os trabalhadores entrevistados têm em média de vinte e três a trinta e cinco anos⁶⁹ e a partir de suas narrativas foi possível compreender que a busca pelo trabalho nas usinas envolve diversas atividades que não necessariamente haviam sido planejadas por eles anteriormente. A permanência na cidade, em geral, se dá até o momento em que a quantia de dinheiro para ir para casa ou para outra região, em busca de trabalho, é suficiente. A opção por permanecer na cidade demanda primeiramente a estruturação das condições básicas de sobrevivência, ainda sim não é permanente e sim definida pela localidade do trabalho.

Percebemos que a vivência nos espaços da cidade está ligada não mais a idéia do “migrante” que busca estabelecimento individual ou com a família, ou ainda a melhoria das condições de vida a partir de seu local de trabalho e sim às chances de emprego. A experiência do viver na cidade compõe-se não enquanto um espaço acolhedor e de formação e desenvolvimento humanos integrados as diversas atividades de trabalho, lazer, cultura,

⁶⁸ A cidade de Tupaciguara possui 24.188 habitantes. Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=316960> . Acesso em 18/11/2011.

⁶⁹ No decorrer desta pesquisa entrevistei trabalhadores nas cidades de Tupaciguara, e de Ituiutaba durante participação no projeto “Histórias, memórias e cidadania” PROEX-UFU/FACIP no ano de 2009.

cidadania e democracia⁷⁰. Delimita-se ao espaço da moradia e seu entorno, a partir da rede de relações constituídas com outros trabalhadores e alguns vizinhos. O espaço da cidade passa a ser compreendido a partir de casa, o local de descanso e repouso para outra jornada de trabalho.

Neste sentido, uma das questões levantadas durante a realização das entrevistas foi sobre como os trabalhadores ficam sabendo do emprego em outras cidades, e a resposta gira em torno sempre dos mesmos elementos, é como se a usina “espalhasse a notícia” da provável abertura da contratação entre os trabalhadores e os empreiteiros.

O entrevistado Edmilson já havia trabalhado em Ituiutaba na construção civil e em usinas ao redor desta cidade, ele ficou sabendo do emprego em Tupaciguara quando estava em Alagoas por intermédio de um colega,

Denise: *E quando você veio como que você ficou sabendo daqui pra trabalhar?*

Edmilson: *Pois é, eu num conhecia aqui Tupaciguara passava quando, quando eu vinha de Alagoas eu passava e vinha pra Uberlândia eu via a placa “Tupaciguara”, mas não conhecia a cidade, não sabia da usina que tinha. O ano passado quando eu fui pra Alagoas, o meu colega, ele falou que tinha que tava vindo pra cá pra uma cidade chamada Tupaciguara, pra uma usina chamada Aroeira perto de Uberlândia, eu falei “não conheço” ele falou “não, eu to indo pra lá” aí eu falei pra ele “então quando tiver contratando lá cê me liga” ele “não, beleza”...⁷¹*

Assim como Francisco que soube do emprego por intermédio de seus amigos de sua cidade de origem Tuntum no Maranhão,

Denise: *E como você ficou sabendo do trabalho aqui em Tupaciguara?*

Francisco: *Foi pelos amigo meu que tá... desde set... faz muito tempo que eles tá aqui, porque eles viero primeiro do que eu. Aí eu fiquei sabendo e vim pra cá né, trabalha com eles. Aí o primeiro lugar que eu comecei a trabalhar foi ali na cimentera, aí de lá comecei a trabalhar na barragem, cata feijão, assim é... essas outras coisa aí.⁷²*

⁷⁰ CHAUI, Marilena. **Cidadania Cultural** / Marilena Chauí. – 1. Ed. – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

⁷¹ Entrevista realizada no dia 14/07/2011 com Edmilson Francisco da Silva na cidade de Tupaciguara-MG.

Edmilson é operador de máquinas colhedoras nos canaviais da Usina Bioenergética Aroeira.p.7

⁷² Entrevista realizada na cidade de Tupaciguara com Francisco e sua esposa Maiara. Data: 14/07/2011. p.2.

O deslocamento para outras cidades se dá também a partir da contratação por empreiteiros (“gatos”). Ricardo é de Tupaciguara, trabalha na Usina Bioenergética Aroeira com o corte da cana,

Denise: *E na região cê costuma trabalhar também ou não?*

Ricardo: *Quase num saio pra fora não, a última vez que eu sai foi pra Goiás, fui pra Anápolis lá, ainda teve um... como diz? Gato!*

*Gato de Itumbiara lá que contrato o pessoal aqui, pegou daqui levou lá pra Anápolis, pra frente de Goiânia... deu cadrão em todo mundo e vazou... Aí quem pagou a gente lá foi a outra empresa que tinha contratado esse gato.*⁷³

O trabalho realizado por empreiteiros como o entrevistado Anaílton, é importante para a compreensão do processo de busca por emprego por estes trabalhadores, e nos trechos de sua entrevista, citados abaixo, é possível apreendermos sua dinâmica,

Denise: *E como que é esse trabalho, como que o senhor começou a mexer com isso?*

Anaílton: *Ué, cana geralmente nossa região aqui é muito ruim de serviço sabe? A gente fica a disposição de fazer todos serviços gerais e aí como o emprego aqui é meio escasso a gente começa esse serviço, eles terceriza pra gente né? Agora num tá tercerizando mai não. Mas, geralmente eles terceriza a mão de obra e a gente executa o serviço. [...]*⁷⁴

Denise: *E como que o senhor faz contato com esse pessoal que vem?*

Anaílton: *Esse pessoal que vem de fora, geralmente eles nos procura, porque quando é um empreiteiro que... corre atrás, que paga as conta tudo certinho, aí ele é procurado. Agora quando ele é um picareta que num paga ninguém, aí a notícia corre. Aí o cara que vem de longe, de fora, da Bahia, de tudo quanto é lugar num quer também, porque na verdade hoje cê vale é... o nome, cê você tem uma boa aparência no seu nome, você é procurado pras pessoa vim trabalhar com você né? Mas se o cê não for, com certeza cê já é renegado, né? É dessa maneira. [...]*

Denise: *E... pro senhor fazer o registro desses funcionários, como que funciona?*

Anaílton: *Na verdade, eles assina a carteira! Tanto o fornecedor como a usina assina também. Mas usa você pra fazer o funcionário trabalhar. Porque... funcionário sem um mediador na lavoura, muitas das vezes não trabalha, usa o empreiteiro porque o empreiteiro ele é a vara de ferrão. Ele faz o serviço render. Ele faz o serviço ter qualidade, aonde eu fiz o plantio a cana chegou a dá cento e oitenta tonelada por hectare, aonde eles fizeram com a turma deles, por livre e espontânea vontade pra lá... deu noventa! Quer dizer que a minha produção é o dobro! Por que? Eu corrijo serviço, eu sempre to atuando. Então “aqui tá ruim, aqui tem que por mais cana, ou! A cana tá ficando com muita*

⁷³ Entrevista realizada na cidade de Tupaciguara com Ricardo. Data: 14/07/2011.p.3

⁷⁴ Entrevista realizada na cidade de Tupaciguara – MG com Anaílton. Data: 14/07/2011.pp.2-12.

terra em cima...” É, todo procedimento nós como empreiteiro toma providência né? Nós sabe a... o tipo que a cana vai fica boa. Agora se num tive uma pessoa pra olha isso aí, cê vai perde a cana, adubo, reagente, tudo cê vai perder.... porque... cê investe tudo isso aí e depois se num nasce?! [...]

Sobre o recrutamento e seleção dos trabalhadores o Contrato de Safra⁷⁵, dentre outros, sugere,

...a adoção das seguintes providências e cuidados:
a) o recrutamento deve ser feito diretamente pelo futuro empregador ou por preposto (representante). A utilização de “empreiteiros” ou “gatos” é proibida por lei, gerando, inevitavelmente, situações de fraude à legislação trabalhista, além de problemas de ordem penal;⁷⁶

Anaílton lida diretamente com as usinas, os arrendadores e trabalhadores, e reivindica ao longo de toda a entrevista o reconhecimento enquanto trabalhador pelas usinas e pela sociedade. Não temos a intenção de julgar ou não o mérito de sua profissão, a questão tem como cerne o fato de que ele acaba por assumir a responsabilidade que as usinas não assumem colocando-se como intermediário nas relações de emprego. E, as usinas estão cientes de sua atuação, e mesmo que esta seja irregular beneficiam-se dela, pois nos campos para plantio terceirizados a fiscalização das condições de trabalho não ocorre de forma efetiva e não é de sua responsabilidade. Neste sentido, é relevante compreendermos como as empresas o encontram e contratam seus serviços,

Denise: *E como que as empresas acham o senhor? O senhor que vai atrás delas é...*

Anaílton: *Geralmente eles, eles nos procura né? Porque sabe que a nossa mão de obra é uma mão de obra qualificada né? E eles muitas das vezes dá prioridade pra essas mão de obra. [...]*⁷⁷

Sobre as especificidades e conflitos do trabalho como empreiteiro com as usinas Anaílton compartilhou que,

Denise: *O senhor me falou de várias funções que um empreiteiro tem, desde levar os trabalhadores pro local, supervisionar o trabalho...como que é esse trabalho? Conta mais, assim, detalhado pra mim, se o senhor puder...*

Anaílton: *Uai, meu trabalho muitas das vezes, a empresa grande*

⁷⁵ O Contrato de Safra legisla sobre o trabalho rural.

⁷⁶ **Contrato de safra: manual.** – Brasília : TEM/SIT, 2002. Secretaria de Inspeção do Trabalho – SIT. Esplanada dos Ministérios, Bloco F, Gabinete Anexo, Ala B, 1º Andar. Brasília/DF. p.20.

⁷⁷ Idem.

quando ela vai procurar um empreiteiro de primeira mão ela... pega o currículo do empreiteiro, pra ver se aquele empreiteiro ele é de competência pra fazer o serviço que ela tá efetuando Agora muita das vezes, é... na usina, voltando a usina que cê pode fazer tudo do bom e do melhor pra eles que cê não é reconhecido. [...] Usina, todas as usina que eu trabalhei até agora é só picaretagem! Até pra receber é custoso. Te mostro a minha sala ali ó, depois eu quero te mostrar, to com uma sala cheinha de butina, é parte de material de EPI, eles me deram um prejuízo de trezentos mil reais! [...]

Muita coisa pra mim uai! Me dero o prejuízo, eu... é adquirir todo o material, e depois o cara além de toma meu serviço com contrato na mão! Além dele pular no mato comigo, todo material de EPI⁷⁸ foi descontado do meu trabalho. Que eu tinha prestado... fiquei com a casa cheia de butina, de chulé ali... e ele com a cana dela prantada! [...]

Justamente... é... muitas das vezes a gente passa pro trabalhador as dificuldade do produtor, porque na verdade o produtor gasta dinheiro pra... investi pra pranta, no adubo, no, no calcário, no reagente e... a gente também que pega o serviço duma maneira é... a gente quer que ele produz. Porque se ele não produzi a... a meta do empreiteiro é essa aí, porque se não tive qualidade, se não tive desenvolvimento, com certeza ele vai na estaca zero. Tanto o produtor como o empreiteiro, quando é no ano seguinte “a não aquela área que se pranto ela deu a produção muito mínima nói num que o cê não!”, o nosso objetivo é atende o fazendero e atingi sempre a meta em produção, quanto mais, mais né? Mas só que muitas das vezes o produtor num vê isso não, só nós que é trabalhador que fica naquela persistência de faze, adquiri mais, produzi mais, mais o fazendeiro, a usina num tá nem aí com isso não, muitas das vezes eles é, depois de um serviço prestado lá eles num tá nem aí com o cê.⁷⁹

Abaixo estão as fotos do EPI que Anailton me mostrou em sua casa no dia da entrevista,



FOTO 1 – Equipamento de proteção individual

Fonte: Arquivo pessoal desta pesquisa



FOTO 2 – Equipamento de proteção individual

Fonte: Arquivo pessoal desta pesquisa

⁷⁸ EPI- Equipamento de Proteção Individual.

⁷⁹ Ibidem.

Este tipo de emprego é um ponto relevante para esta pesquisa, pois compõe a rede de problemáticas não só relacionadas à condição para emprego dos trabalhadores das lavouras (contratação, salário, FGTS, *In Itinere*, moradia durante o tempo de trabalho, alimentação, pausa para descanso, dentre outros), mas também no que diz respeito à própria legislação imposta pelo Contrato de Safra que se submete não só à Constituição Federal de 1988, mas também à Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, além de constituir legislação específica para as relações de trabalho no campo.

Esta discussão acerca destas relações de trabalho compõe um interessante campo para pesquisa e debates, principalmente porque grande parte dela é descumprida, apesar de ter recebido grande atenção por parte do Ministério Público do Trabalho - MPT e das usinas nos últimos anos⁸⁰ ainda que esta resulte em situações não condizentes com a prática de trabalho desenvolvida nas lavouras. Porém, não será aprofundada aqui, pois não é parte específica do objetivo desta pesquisa, neste momento, apenas relaciona-se às relações e tensões com as quais lidam os trabalhadores das lavouras.

Tais tensões e relações dizem respeito, principalmente à vivência destes sujeitos na cidade, o movimento de busca por emprego inclui mais que a saída da cidade de origem e a chegada no destino. É permeado por dificuldades de permanência e conflitos com os quais é preciso que os trabalhadores lidem para que possam se inserir no espaço da cidade, efetivar o emprego, por diferentes meios, e estabelecer contatos com os quais possam dividir aluguel ou ainda obterem ajuda caso a empresa demore a lhes contratar.

Devemos observar também que as usinas, em geral, oferecem convênio médico aos seus funcionários, porém a utilização deste gera situações desfavoráveis, pois a apresentação de atestado médico indica a necessidade de substituição do trabalhador, ou desconto dos dias em que ficou afastado em sua folha de pagamento ou ainda a impossibilidade de completar um mês integral de trabalho para obter a cesta básica fornecida pela usina. Edmilson, assim como outros trabalhadores, explicou, ao ser questionado sobre o recebimento de cesta básica por todos os moradores da casa, durante a entrevista como é esta situação,

Denise: *E tem que completa um mês pra receber a cesta? Por que esses (trabalhadores) que estavam mais recente...*

Edmilson: *Não, é... tem que tê os trinta dias completo... Sem faltas é... sem atestado médico.*

⁸⁰ CLIVONEI Roberto. **Justiça reconhece legalidade das práticas trabalhistas adotadas por usina – Justiça decide pela constitucionalidade do sistema 5x1 e reconhece a legalidade do ambiente de trabalho oferecido pelas usinas.** In: Revista Idea News, ANO 10 – Nº 118 – Agosto de 2010.pp.130-131.

Denise: Então, isso do atestado médico, eu conversei com alguns outros trabalhadores também, e eles disseram que a usina às vezes oferece um convênio algo assim, mas que é complicado apresentar o atestado médico porque influencia no salário e depois pode prejudicar... que que cê acha disso?

Edmilson: Olha, quando... pelo que eu conheço, quando apresenta o atestado médico com... você falta um dia e leva um atestado médico esse dinheiro é ressarcido, é como cê tivesse trabalhado, porém, lá ta constando um atestado médico, mas ele consta lá na rescisão quando você sai, esse dinheiro vai ser descontado, então se o funcionário teve muito atestado, na rescisão dele vai ter um desconto sobre aquilo ali. Entendeu... mas a empresa ta oferecendo um convênio aí da UNIMED, graças a deus até agora num precisei nem nada...⁸¹

A utilização pelas usinas do que deveria ser um direito⁸² dos trabalhadores de se ausentar por questões de saúde sem ter debitada a falta em seu salário nos aponta tensões e diversos tipos de driblar os trabalhadores coagindo-os de modo que oferecem o convênio médico, mas há punição pela sua utilização, prejudicando assim principalmente os de outras regiões, que dificilmente encontram apoio ou reconhecimento em órgãos públicos que deveriam ser responsáveis por eles. Proporcionando desta forma, às usinas espaços livres de atuação de modo que devemos nos questionar se não é esse mais um motivo pela preferência ao empregar o trabalhador de fora.

Para além das problemáticas iniciais do chegar à cidade e relativas às questões de descaso ou malícia por parte das usinas, os trabalhadores que se deslocam de suas regiões na busca por emprego enfrentam os problemas posteriores à sua chegada, como a falta de locais para ficar ou a inadequação destes às exigências básicas de vivência, como espaço para descanso e higiene pessoal. Dos trabalhadores que entrevistei no período de 2008 a 2011 os casos mais interessantes eram dos trabalhadores que já haviam lidado com o corte manual da cana-de-açúcar que se empregam na construção civil temporariamente, pois, estavam alojados em casas alugadas pelas empresas. Como é o caso de Adenilson, entrevistado na cidade de Ituiutaba em 2009 ele é de Anápolis – Goiás e, no período em que a entrevista foi realizada, dividia uma casa de estrutura simples (três quartos, dois banheiros, cozinha, sala – adaptada como quarto e quintal) com outros vinte e nove colegas de trabalho. Sendo que se dividiam de acordo com os turnos de trabalho, ou seja, enquanto quinze trabalhavam os outros quinze ocupavam a casa.

⁸¹ Entrevista realizada com Edmilson na cidade de Tupaciguara –MG. Data: 14/07/2011.p.11.(grifos meus)

⁸² O problema desta questão está relacionado à falta de previsão normativa de ausência do trabalhador com a apresentação de atestado médico quando ela não decorre de acidentes de trabalho. Para maiores informações consultar a súmula nº15 e o precedente normativo nº8 do Tribunal Superior do Trabalho, assim como a Consolidação das Leis do Trabalho.

Em Tupaciguara Francisco e sua esposa Maiara compartilharam na entrevista partes de sua experiência para conseguir uma casa alugada. Francisco chegou do Maranhão dias antes que a esposa e morou com um colega, porém, com a chegada de Maiara alugou uma casa próxima a região central,

Francisco: *Aí assim, a luta nossa é trabalhar pra ver se nós consegue uma casa aqui também. Nós moramos de aluguel.*

Denise: *Aqui, quanto vocês pagam de aluguel?[...]Cento e sessenta... essa casa é de alguém aqui do bairro...Como que cês conseguiram essa casa aqui pra alugar?*

Francisco: *Eu consegui, consegui assim mesmo, porque no dia que ia chega minha mulher, eu consegui no mesmo dia que era pra ela chegar...E foi agoniado, aí eu falei “meu deus! Como que eu vou conseguir uma casa? Aqui agora, que minha mulher chega, onde é que eu vou bota minha mulher?!”. Aí... saí assim da casa do meu colega, assim do nada, quando eu sai, eu raiei a rua aí desviei duma rua pra essa daqui... quando eu cheguei aqui, tava um senhor limpando o quintal aqui, aí eu já ia passando, aí eu vi assim virei falei... encostei ali, eu falei assim “moço essa casa aqui tá pra alugar?!” aí ele, o homem, “não, não tá pra alugar não”... “não moço, arruma essa casa aí pra mim, minha mulher tá chegando de viagem eu num sei onde que eu vô bota ela!” aí... “não amigo, mas eu to querendo reformar...”, “não! Mas tá bom demais essa casa num tem que reforma não!”... tava tudo...[risos] “Tá bom demais essa casa aqui!”, aí ele “você acha que essa casa tá boa?!”, “não, tá bom... tá boa demais!” “mas eu queria reformar ela...” que ele num tava acreditando que eu ia ser bom pagador...Aí eu falei assim “não, mas se você quiser eu lhe dou o dinheiro agora”, aí eu tirei o dinheiro do bolso... aí foi ele começou a mudar a voz...[risos] aí foi “não, então tá bom, eu vou deixar tudo por cento e sessenta”. Aí foi ele pegou o dinheiro eu fiquei aqui na casa, arrumando tudo aqui, pra chegar na hora de ir buscar minha mulher, arrumei os.. e botei ela aqui.⁸³*

Edmilson, antes de ser empregado pela Bionergética Aroeira em Tupaciguara trabalhou em Ituiutaba, e compartilhou na entrevista sua experiência na busca por moradia logo que chegou a Minas Gerais,

Edmilson: *Quando eu vim a primeira vez, entendeu, a gente nunca chegava no destino, anoitecia, amanhecia, anoitecia, amanhecia... eu falei nossa pra onde é que eu tô indo?! (risos) ...fura o Brasil e chega lá do outro lado do mundo e não chega! [...] Então quando eu cheguei em Ituiutaba era durante o dia eu cheguei entrei na cidade... desci perto da rodoviária, num paro na rodoviária que o ônibus era de um outro rapaz, então olhava assim, eu*

⁸³ Entrevista realizada na cidade de Tupaciguara com Francisco e sua esposa Maiara. Data: 4/07/2011.p.8. (grifos meus).

tava com um amigo que ele já tinha vindo outra vez ele já foi endereço de uma mulher que tinha morado numa casa dela. E fui acompanhando, a gente ia nessa rua, vamo supô, a gente ia por aqui nessa rua se voltava eu já não sabia se tinha passado por aqui, num conhecia né. Ficava doidinho! Aí nói foi lá nessa casa, graças a deus, tinha lá um cômodo, maior do que esse um pouco assim, tava desocupado, mas aí a gente ia paga lá... acho que era cento e cinqüenta reais... e gente pechincho pra pagar cem reais porque se fosse paga cento e cinqüenta sem trabalha... só tinha um cobertor... não tinha cama, não tinha colchão, não tinha nada... o colega meu lá arrumou uns papelões colocou no chão e no cômodo ainda tinha uma sinuca não sei se era bar, se tinha bar... e eu dormia em cima dessas sinuca, uns dias... assim a gente chega na cidade a gente fica arroddado, num conhece a gente fica a toa, e a gente andou lá de passa no meio da rua e eu não sabia pra onde ir.⁸⁴

A partir das leituras das entrevistas percebemos que o problema para conseguir a moradia relaciona-se, além do não oferecimento desta pelo empregador, a não aceitação ou ao sentimento de desconfiança dos moradores da cidade em relação aos trabalhadores de outras regiões do país, os “cortadores de cana”, os “nordestinos”, “piauienses”, “maranhenses” ou ainda simplesmente ao “migrante”. Que em geral, carregam junto a estas nomenclaturas, para o senso comum, a imagem de “caloteiros”, de gente “malandra” ou “alcoólatra” que possui a intenção de prejudicar o núcleo de moradores *originais* da cidade. É importante observarmos que estes trabalhadores sempre compartilham a moradia, a casa ou cômodo alugados, com outros trabalhadores, ainda que desconhecidos, porém, sempre da mesma região de origem.

Neste sentido os olhares, comentários ou ofensas direcionados a estes trabalhadores são percebidos por eles e geram toda uma situação de preconceito e frustração sentida na prática diante da tentativa de consolidar meios de vivência nos espaços da cidade. Este sentimento de tensão nos aponta para outras questões sobre como as relações são constituídas entre as pessoas de fora e os que estão na cidade, mas ao mesmo tempo sentem-se desconfiados de seu ambiente, como em um movimento simultâneo de tensão e avaliações sobre aquele que também é o *outro* para estes sujeitos.

No entanto, esta situação demora a ser citada nas entrevistas também por desconfiança dos entrevistados em relação ao pesquisador/entrevistador e neste sentido, a leitura de textos sobre a ética e a prática da história oral nos auxiliam a superar e compreender que as entrevistas também requerem sinceridade, disposição para conversar e ouvir além de trabalho

⁸⁴ Entrevista realizada com Edmilson na cidade de Tupaciguara. Data: 14/07/2011.

crítico do historiador ao lidar com as narrativas.⁸⁵

Neste sentido a fala de Edmilson compartilhada somente após iniciar e encerrar a entrevista várias vezes, nos auxilia a perceber de forma mais clara estas relações,

Edmilson: *Preconceito... preconceito eu sofri muito quando eu cheguei entendeu? Pessoas ficam julgando porque a gente é de outra cidade, de outro Estado. Mas eu acredito que os seres humanos eles são todos iguais independente da onde eles sejam. Preconceito eu sofri muito entendeu? Mas eu sofri muito, mas eu levei mais pro lado esportivo, quando eu num agüentava eu estourava, entendeu? Falava mesmo, porque isso num existe! E outra coisa, como tem muitos alagoano, piauiense, maranhense, aqui em Minas Gerais, tem muitos e de muitos vêm, pessoas boas e pessoas má, pessoas que gosta de faze... briga... rouba... faze esse tipo de coisa, mas num é por causa desses que fazem cê vai julga todo mundo... entendeu? Cê primeiro tem que conhecer a pessoa, o caráter sabe quem é a pessoa pra pode tá falando daquela pessoa... isso não dá pra generalizar... entendeu? A gente sofreu muito, e quando eu cheguei aqui na cidade um pouco que eu ouvi assim, meio por alto tal, que eu percebi pessoas também achando ruim porque tava vindo gente pra cá, até uns comentou porque “a! Tão pegando só gente de fora pra empresa! Num tá pegando gente da cidade!” Entendeu?! Num tá dando oportunidade... Não é isso gente... a empresa num tá começando? Ela quer gente qualificada pra poder tocar! O cara que construiu a empresa ele quer produzir quer repor o dinheiro que ele gastou, então ele vai pega, vamo supor... vai pega você, coloca numa máquina colhedora te ensina... até quando... até quando pra depois produzir?! Não, ele tem que pega pessoas qualificadas pra toca aquela empresa! Quem é da cidade que quer a oportunidade, vai trabalhar na empresa na outra área e tenta passa e pega a oportunidade de trabalha na empresa! Ele num pode pega todo mundo de uma cidade que num sabe de nada pra coloca dentro da... vai toca o que?! Vai toca nada, muita gente tava falando “a tá pegando só gente de fora!” entendeu? Fica achando ruim porque a gente tá vindo pra cá, mas não a empresa quer isso, quer gente qualificada pra poder tocar a empresa!*

Maiara também ao final da entrevista, falou sobre o sentimento de preconceito ao buscar a ATAR - Associação Tupaciguarense de Artesões,

Maiara: *Eu... assim, igual você tava falando porque que a gente veio pra cá né...pra custo de vida... aí eu lembrei que eu trabalho com artesanato né, aí eu fui lá embaixo com a fala com a mulher da*

⁸⁵ PORTELLI, Alessandro. **História oral como gênero**. Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro. In: Revista Projeto História – história e oralidade. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História PUC-SP,nº 22.Editora: EDUC. São Paulo: junho de 2001.pp 9-36. Ou ainda PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro. In: Revista Projeto História – história e oralidade. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História PUC-SP,nº 14.Editora: EDUC. São Paulo: fevereiro de 2007.pp 25-39.

Associação, pra eu entra lá na Associação. Aí ela falou assim “num sei por que que vocês deslocam lá do Maranhão... tão longe pra acaba em Tupaciguara” que eu num acho uma cidade tão assim... mas é porque é assim, desde quando a gente começou a sair pro Mato Grosso, aí lá deu mais ou menos, aí depois tece uns outros maranhense que morava pertinho que era colega dele, aí viero pra cá né. Aí depois ele viero atrás deles, aí a gente gostou daqui, aqui também é calmo... tem a nossa filhinha aí... e nós tamo levando devagarzinho.⁸⁶

As expressões de preconceito ou não compreensão da presença de trabalhadores de outras regiões, pelos moradores da cidade, relatadas por Edmilson e Maiara nos chama a atenção para os modos como estes sujeitos são vistos e percebidos pela cidade e como atuam para driblar este tipo de posicionamento prévio e contrário a eles. Reivindicando seu espaço e reconhecimento, resistindo enquanto parte da sociedade que está presente não para se aproveitar das oportunidades de outros, mas sim para viver e buscar a consolidação de seus sonhos e expectativas a partir do emprego oferecido também a eles pelas usinas instaladas na cidade.

Percebemos a manifestação destes sonhos e expectativas quando, em suas narrativas, os entrevistados nos contam sobre o desejo de sair do aluguel e adquirir uma casa, uma moto, fazer uma compra diferenciada no supermercado, poder comprar roupas e outros artigos além daqueles que atendem as necessidades básicas do dia a dia. Há também o desejo por fixarem-se nas cidades onde há maior oferta de empregos e a possibilidade de obterem salário maior,

Francisco: *Tem muito no Nordeste, tem muito nordestino que sai pra cá que o serviço pra cá é mais fácil...*

Maiara: *[...] Tudo no Maranhão vem busca serviço num outro lugar.*

Denise: *E por que que você veio junto?*

Maiara: *Assim, ele veio primeiro quando a gente tava namorando aí quando a gente casou ele falou que quando nós casasse a gente vinha pra cá, porque no Maranhão as coisa é mais difícil, aí então que a gente vinha pra cá a gente conseguia comprar uma casa pra nós.⁸⁷*

Simultaneamente a essas expectativas há o objetivo de serem efetivados pela empresa onde trabalham, mesmo que prestando serviços em diferentes etapas da safra,

Denise: *[...] O que que você vai fazer depois que acabar a safra aqui?*

Edmilson: *Olha, eu pretendo permanecer na empresa, não to querendo sair entendeu, to trabalhando cumprindo meu trabalho como devo e*

⁸⁶ A entrevista foi realizada com Francisco e Maiara, sua esposa, na cidade de Tupaciguara-MG, no dia 14/07/2011.p.7

⁸⁷ A entrevista foi realizada com Francisco e Maiara, sua esposa, na cidade de Tupaciguara-MG, no dia 14/07/2011.pp. 3-4.

com a pretensão de ... permanecer na empresa... Dá um tempo aí... fica na entre safra com eles pra planta cana, tem colheita pra muda também que vai replanta, entendeu, esses outro serviço aí... mas se eles manda eu embora, não sei quando, quando o início vai ser, aí eu vou descer vou pra Alagoas se... lá, lá a safra vai começa em setembro mais ou menos se de uma semana pra eu ir embora dá tempo de eu entra em alguma empresa lá faz a safra e depois volta pra cá. Mas se dispensa depois aí não dá prazo mais, mas aí mesmo assim eu vou, pra passar o réveillon, tem minha família lá, pra não fica parado aqui eu prefiro fica parado lá. Passando um tempo lá e depois retorno porque eu tenho minha família tem todo mundo... E aproveito o final de ano lá vou à praia, que lá é indispensável...

A busca pelo emprego em outras regiões do país relaciona-se também, assim como para milhares de outros trabalhadores, ao objetivo de melhoria das condições de trabalho e renda,

Denise: *E a cerâmica? Quando você trabalhava com ela, que você decidiu que você num queria mais, porque que você começou a trabalhar com cerâmica, era uma questão de sustento também? Ou alguém na sua família já trabalhava com isso?*

Edmilson: *Já trabalhava lá, e assim, era necessário ajudar pra ter uma renda maior dentro de casa entendeu? [...] quando tava na cidade estudava num período e no outro eu me deslocava pra fazenda pra ir pra cerâmica a pé, dá uns cinco seis quilômetros a pé todo dia ida e volta, sem contar a andada que faz durante a produção da cerâmica...Porque lá fica deslocando né, de onde faz até o lugar pra colocar no chão, então se anda bastante durante o dia, eu era peão de obra comecei mais ou menos com uns onze ano de idade por causa da necessidade né? Aí... tive que trabalhar... e hoje eu agradeço demais a família que eu tenho sabe? Por te sempre me incentivado sempre por esse lado de trabalha nunca achei que era escravidão, por conta de necessidade. Então pra mim pra ajuda pra te uma renda melhor e uma sustentabilidade na família era necessário, então eu fazia sacrifício estudava... e ia trabalha ajuda eles, quando eu tive maior controle, trabalhava por conta própria pra ter a minha renda sozinha aí eu trabalhava individual, pra ter minha renda... pra ajudar dentro de casa e pra ter minha, a minha despesa né, particulares né? Compra as coisas...*⁸⁸

Edmilson elabora a partir de sua fala, meios para expressar a necessidade sempre presente em sua vida de trabalhar e ao mesmo tempo a discute defendendo-se dos sentidos que podem ser atribuídos a ela em sua interpretação, como o de escravidão, trabalho forçado ou exploração de menores. O que ele nos apresenta é a condição em de sua experiência, a necessidade do emprego e outras que não cabem na lógica teórica sistemática das

⁸⁸ Entrevista realizada na cidade de Tupaciguara – MG com Edmilson. Data: 14/07/2011. p.5

classificações. Ao construirmos novos olhares para o debate a partir das experiências destes trabalhadores sua compreensão torna-se mais coerente e acaba por abarcar diferentes dimensões e elementos de suas vivências, colocando-as diante das percepções da realidade.

O objetivo de permanecer na empresa também nos remete ao desejo de estabilidade, indicativa de oportunidade para terminar os estudos e buscar outro tipo de formação. Edmilson, assim como outros trabalhadores das lavouras, ainda não conseguiu concluir seus estudos devido à necessidade de trabalhar e lidar com funções em diferentes cidades e porque o trabalho na lavoura, em geral, exige rotatividade de turnos,

Edmilson: *Tem muitos irmãos meus que... analfabetos... eu falava direto... eu sou o último da família, comecei a estudar... fui passando de série, nunca reprovei de ano graças a deus, parei porque eu vim pra cá aí quero ver pra continuar, queria continuar aqui lá... a empresa num, num me ofereceu bem não porque quando eles decidiram se ainda ia se um turno só... eu ia trabalha de turno toda semana após a folga, demoro, demoro eu perdi a primeira prova do primeiro semestre.. aí num consegui... quando eu fui lá ela falou “ó num tem jeito porque se você for estudar, você vai reprovar só por causa da... dessas faltas aqui... você deixou de estudar”*

Denise: *Então o trabalho impede né, o estudo?*

Edmilson: *Sim, porque... demoro né, se eu tivesse sido transferido dava certo... se eu tivesse matriculado antes, mas eu vim pra cá já tinha começado as aula aí... E outra que eu comecei a estudar muito tarde porque eu nasci na fazenda e meus pais e num parava num lugar só então matriculava a gente numa escola aí tinha que desloca pra outra fazenda que não passava um ano na outra fazenda, então perdi muita aula, comecei a estudar com onze ano de idade mais ou menos por causa do irmão da minha cunhada né ela falou “não, cê vai estuda” e eu num consegui formar ainda por causa que eu... em 2008 eu vim mora pra cá, aí parei... tenho só o ensino fundamental....mas eu vou terminar os meus estudo, com fé em deus e pretendo fazer uma faculdade aí se... curso técnico, me aperfeiçoa subi mais um pouquinho..*

Denise: *Você pensa em fazer o que?*

Edmilson: *Ué... um curso de técnico de segurança entendeu? Pensei agronomia... tem que pensa alto pra avançar mais ou menos um pouco... mas eu penso muito em agronomia, passar aí...[...] (risos) eu gosto muito, eu queria muito entendeu? Eu fico até pensando o governo oferece aí a oportunidade de fazer a prova do ENEM em casa passando na televisão aí, que nem a sua faculdade aí entendeu? Por isso que eu tô pensando assim, terminar os estudo o mais rápido possível e estuda, estuda, estuda até consegui aí passa numa prova do ENEM eu sei que num é fácil mas se você estuda se consegue. Fazer agronomia que é mais a minha área aí...⁸⁹*

⁸⁹ Idem, p.24.

O desejo de concluir os estudos e ingressar em uma Universidade ou curso técnico alia-se ao desejo de melhoria de vida e da conquista de certa autonomia profissional. O Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM percebido como oportunidade, a partir da expansão das Universidades Públicas, confere materialidade à realização deste sonho, porém, ao mesmo tempo, a idéia irreal de melhoria instantânea das condições de vida com uma formação superior, desconsiderando a competitividade do mercado de trabalho, que persegue, atualmente, todas as profissões, técnicas ou não.

O desemprego devido à mecanização da colheita de cana-de-açúcar é um exemplo desta situação, e a qualificação da mão-de-obra pelas empresas, em um processo de seleção intelectual dos trabalhadores através, por exemplo, do projeto Renovação, explicado em interessante matéria publicada na Revista Idea News que apresenta em sua chamada uma pirâmide sócio-econômica com uma seta indicando a subida da *Classe D* para a *Classe A*.

O projeto visa capacitá-los tanto para o trabalharem em funções que são oferecidas pelas usinas, tanto na agrícola como na indústria, assim como prepará-los para trabalhar em empresas de outros setores ou mesmo abrirem o próprio negócio, conta Maria Luiza Barbosa, assessora de Responsabilidade Social Corporativa da Unica. As mesmas mãos calejadas que empunharam por anos um facão no corte de cana, hoje tentam ganhar habilidade com o lápis. Para a baiana Josefina Neres Santos, entrar numa sala de aula aos 54 anos, fazer um curso e se profissionalizar tem muito significado. “Quero ter renda”, dizia ela, baixinho e com o olhar acanhado.[...]”⁹⁰

Este projeto tem como intenção, aparentemente legítima, instruir os trabalhadores das lavouras e empregá-los em outras funções ou lhes conceder autonomia para buscar emprego em outras áreas. Porém, coloca-se como interlocutor dos rumos e viveres que os trabalhadores das lavouras deverão seguir nos próximos anos.

Como a pesquisa nos apontou, esta autonomia explicita relações paternalistas por parte da empresa, pois se é possível oferecer qualificação agora que estes trabalhadores não serão mais necessários, porque então ela não foi oferecida anteriormente? Outro aspecto importante de ser observado é que formação profissional não significa garantia de emprego para nenhum trabalhador que está sujeito as relações utilitaristas das empresas e do mercado de açúcar e etanol.

Por esta via, a compreensão e reflexão destes processos produtivos que envolvem os

⁹⁰ ROBERTO, Clivonei. **Programas de formação CAPACITAM E TRANSFORMAM VIDAS na agroindústria do açúcar e etanol.** In: Revista Idea News. ANO 11- N°123, janeiro de 2011. p8- 9.

trabalhadores das lavouras de cana-de-açúcar nos mostram a necessidade urgente de nos atentarmos aos processos e mudanças da dinâmica do trabalho que impõe e explora as condições de uma categoria da sociedade que sempre foi posta à sua margem. Naturalizando mudanças e determinando o que é possível ou não de ser alcançado através do direcionamento das vagas de emprego e formando em conjunto com grande divulgação da imprensa oficial opiniões irrefletidas e consensuais para a sociedade sobre quem são estes trabalhadores e como devem ser percebidos e tratados. Abafando e recompondo conflitos, tensões, expectativas e modos de vida de forma a utilizar a imagem destes trabalhadores em uma leitura simples e dada sempre de sofrimento e exploração, colocando-os em uma posição estática e omissa.

O processo de mecanização da colheita da cana-de-açúcar e as questões ambientais aliados as exigências de certificações internacionais e nacionais do açúcar e do etanol nos remontam esta perspectiva ao pensarmos não apenas nos benefícios, no uso da tecnologia para cumprir um árduo trabalho, mas a imagem que se forma ao analisarmos as narrativas destes trabalhadores e as colocarmos em movimento com a pesquisa é a de único meio de “salvação” passa pela profissionalização nas usinas. No entanto, o que percebemos é que são as próprias usinas que estão se salvando, a muito tempo, desta responsabilidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa parte da idéia de que colocar os viveres e experiências dos trabalhadores em perspectiva é fundamental na compreensão dos processos de transformações dos modos de produção, sociais e da formação de percepções e avaliações destes sujeitos sobre a realidade. Assim como o movimento desta, constituído a partir do processo das relações, conflitos e tensões vividos por estes trabalhadores. Estas relações, porém, recebem, ainda pouco destaque na historiografia dominante ou oficial, e apresentam os trabalhadores sempre pela perspectiva de classe de trabalhadores da qual devemos nos sensibilizar e sentir pena, para assim nos redirmos em nossas consciências.

As leituras das entrevistas realizadas nos mostraram que estes trabalhadores enfrentam questões em seus viveres, porém, estão muito longe de serem sujeitos passivos no modo como se inserem, opinam e pensam sua realidade. Suas narrativas nos atentam para o fato de que sempre estiveram em condições de desnível ou desigualdade social, e não porque são “cortadores de cana”, “migrantes” ou ainda por que estão “fadados a este destino”, mas porque são materialmente excluídos dos processos de produção e dos interesses que são majoritários na sociedade. Diante dos modos de produção capitalistas estes sujeitos são percebidos apenas como mão de obra abundante e barata.

Mesmo diante da modernização tecnológica das usinas sucroalcooleiras e iniciativas, ainda que falhas, para transferir estes trabalhadores para outros setores, e não qualificá-los para uma formação que proporcione autonomia e liberdade, percebemos que a lógica dos salários, as condições de trabalho, e outros apontam para que as coisas permaneçam da forma que estão.

Não há, aparentemente ao menos, interesse ou disposição para alterar a situação em sua essência e debater o problema de modo abrangente rediscutido o papel do Estado enquanto provedor e fiscalizador de políticas públicas que regulem os interesses públicos, para além dos interesses individuais de empresários, possuidores de terras arrendadas e outros. Proporcionando ao trabalhador o acesso e a intervenção cidadã e democrática na decisão ou escolha da forma como viverá e onde escolherá se empregar ou com o que gostaria de trabalhar. Percebemos que iniciativas privadas não são suficientes para transformar a conjuntura de um sistema que é global.

A discussão historiográfica proposta a partir desta pesquisa pretende contribuir para refletirmos sobre o retorno social e as respostas que estamos, ainda que academicamente,

produzindo para estes sujeitos que se quer, na maioria das vezes, tem a oportunidade de compartilhar e usufruir dos espaços de uma Universidade Pública.

Torna-se possível a partir da recomposição de olhares, significações e histórias dos trabalhadores das lavouras de açúcar e álcool, e da análise da lógica da indústria sucroalcooleira realizada a partir desta pesquisa refletir sobre a construção (por que não?) de um processo de produção voltado para a sociedade, a soberania nacional e para interesses sociais e humanos, ao contrário do modelo que encontramos hoje que é voltado para a exploração do trabalho e para a obtenção de lucros de forma predatória que acabam beneficiando os já beneficiados materialmente.

A problemática das representações atribuídas a estes trabalhadores, a partir de estereótipos pré-concebidos que tratam problemas sociais como se fossem exclusivos desta categoria, generalizando as intenções, ações e expectativas destes trabalhadores. E ela se faz presente ao longo de toda a pesquisa percebida seja nos espaços públicos e privados da cidade, no emprego, na ida ao supermercado, no alugar ou adquirir a casa, na busca por apoio, médico e por ensino.

A desigualdade material e de reconhecimento social proporcionada por meios perversos de representações, paternalismo e concepções privatistas leva estes trabalhadores a buscar alternativas de emprego em outras regiões do país, porém estes são vistos com maus olhos, pois suas regiões servem apenas como o paraíso turístico da sociedade que os recebe.

A região Nordeste, por exemplo, não é lembrada para além das belas praias e diversões turísticas como a prostituição, por exemplo, presente em todas as feiras e convenções da indústria sucroalcooleira.

Percebemos que os problemas “inerentes” a expansão canavieira, ao meio-ambiente e a questões sócio-econômicas são divulgados agora pela imprensa e mídia dominantes, pois interessam e influenciam na imagem a ser vendida do negócio, porém não percebemos estes trabalhadores reconhecidos ou valorizados pela sociedade que ajudam a construir e a movimentar financeiramente seja com seu emprego direto, informal ou com as compras do dia a dia.

Neste sentido a confiança no questionar a realidade e pensar criticamente a história se embasa e se renova. A partir da construção de outras histórias, do trabalho com memórias, da percepção e do iniciar o debate com a prática tendo como instrumentos um gravador e muito fôlego. Pois a intenção para este tipo de debate não é minoritária, porém assim de faz fragmentada acadêmica e socialmente, desorganizada pelas disputas de espaço e poder na sociedade e na historiografia que ressaltam e nos lembram que enquanto o individualismo e o

“salve-se quem puder” forem freqüentes no norte das atitudes continuaremos *servindo* por tempo indefinido, é preciso empenho para as transformações tanto quanto depositamos para disputar espaço e o direito à individualidade.

REFERÊNCIAS:

Entrevistas:

Cidade: Tupaciguara – MG. Local: SINE, Centro Administrativo de Tupaciguara. Entrevistada: **Ana Celita**. Data: 14/07/2011. Duração da entrevista: 00:01:21. N°11071405

Cidade: Tupaciguara – MG. Local/Info.: Calçada ao lado da casa do entrevistado, ele estava consertando um de seus ônibus rurais e foi indicado por vários moradores como experiente em assuntos relacionados à usinas. Entrevistado: **Anáildo Fernandes Basílio**. Data: 14/07/2011. Duração da entrevista: 00:31:45. N°11071411

Cidade: Tupaciguara – MG. Local: Casa do entrevistado. Entrevistado: Edmilson **Francisco da Silva**. Data: 14/07/2011. Duração da entrevista: 00:56:24. N° 11071408, N°11071409, N°11071410

Cidade: Tupaciguara – MG. Local: Casa do entrevistado. Francisco e sua esposa estavam confeccionando vasos artesanais a partir de papel de revista grosso dobrado. Entrevistados: **Francisco e Maiara**. Data: 14/07/2011. Duração da entrevista: 00:15:23. N°11071415

Cidade: Tupaciguara – MG. Local: Rodoviária. Entrevistado: **José**. Data: 14/07/2011. Duração da entrevista: 00:01:53. N° 11071401.

Cidade: Tupaciguara – MG. Local: Praça de Centro Administrativo de Tupaciguara. Entrevistado: **Ricardo**. Data: 14/07/2011. Duração da entrevista: 00:03:27. N° 11071406.

Cidade: Tupaciguara – MG. Local: Porta da casa da entrevistada. Entrevistada: **Ruth**. Data: 14/07/2011. Duração da entrevista: 00:00:41. N° 11071403.

Cidade: Ituiutaba - MG. Local: Calçada da casa do entrevistado. Entrevistado: **José Orlando**. Entrevista realizada para a disciplina Projeto Integrado de Práticas Educativas por Denise N. De Sordi, Ezequiel de Araújo M., Gabriel Pimentel de Melo e William M. dos Santos. Data: 28/05/2008

Sites e artigos *on line* consultados:

Triângulo ganhará mais três usinas de álcool. Publicado em 03 de junho de 2011. Fonte: http://www2.correiodeuberlandia.com.br/texto/2006/08/11/20299/triangulo_ganhara_mais_tres_usinas_de_alcool.html. Acesso em 14/07/2011.

<http://www.unica.com.br/opinioao/show.asp?msgCode={3CBA204B-8951-446B-8168-EB58391CD6E3}> . Acesso em 29/08/2011.

Better Sugarcane Initiative http://www.cert-id.com.br/?page_id=365

Compromisso Nacional para Aperfeiçoar Condições de Trabalho na Cana-de-Açúcar: <http://www.secretariageral.gov.br/arquivos/publicacaocanadeacucar.pdf>. Acesso em 29/08/2011

IDEA News: http://www.revistaideanews.com.br/quem_somos. Acesso em 03/11/2011.

Informações sobre arrendamento em Uberaba e região
<http://www.brasildefato.com.br/node/6579> . Acesso em 07/11/2011

<http://www.energiahoje.com/online/biocombustiveis/alcool/2010/03/15/406150/familia-biagi-de-usina-nova.html> . Publicado em 15 de março de 2010. Acesso em 21/10/2011

<http://www.mte.gov.br/sine/oquee.asp> Acesso em 10/11/2011.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm

<http://www.canamix.com.br>

Referências bibliográficas:

CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. **Memórias e imagens: (re) pensando os significados do memorial JK**. In. _ Outras histórias: memórias e linguagens / [organização de] Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. – São Paulo : Olho d'Água, 2006. pp. 177-193

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder: Uma análise da mídia**. In: _ Simulacro e poder / Marilena Chaui. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. pp. 5 -78.

_____. **Simulacro e poder** / Marilena Chaui. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

_____. **Cidadania Cultural** / Marilena Chauí. – 1. Ed. – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

DEPEC- DEPARTAMENTO DE PESQUISAS E ESTUDOS ECONÔMICOS – AÇÚCAR E ETANOL – MARÇO DE 2010. BANCO BRADESCO. s/p. Arquivo pessoal.

Documento/ Entrevista. Uberlândia/MG – Universidade Federal de Uberlândia. Revista do Instituto de História, vinculada aos cursos de Graduação e ao Programa de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Núcleo de Pesquisa e Estudos em História, Cidade e Trabalho. pp 211-228.

Contrato de safra: manual. – Brasília : TEM/SIT, 2002. Secretaria de Inspeção do Trabalho – SIT. Esplanada dos Ministérios, Bloco F, Gabinete Anexo, Ala B, 1º Andar. Brasília/DF.

CHERUBIN, Natália. **Colheita mecanizada: no ritmo certo**. In: IDEA News – atualizando executivos. ANO 11- Número 127, maio de 2011. p.8 (Grifos meus).

CLIVONEI, Roberto. **Justiça reconhece legalidade das práticas trabalhistas adotadas por usina – Justiça decide pela constitucionalidade do sistema 5x1 e reconhece a legalidade do ambiente de trabalho oferecido pelas usinas**. In: Revista Idea News, ANO 10 – Nº 118 – Agosto de 2010. pp.130-131.

_____. **Programas de formação CAPACITAM E TRANSFORMAM VIDAS na agroindústria do açúcar e etanol**. In: Revista Idea News. ANO 11- Nº123, janeiro de 2011. pp. 8-19.

DESPLECHIN, Emmanuel. **Certificação do etanol: a visão da indústria brasileira de cana-de-açúcar.** [S.I] [S.N].

Disseminando renda: Os milhares de produtores da cana distribuídos pelo Brasil comprovam que a cultura canavieira não é concentradora de renda. Mas para que esse exemplo persista é fundamental que eles permaneçam no negócio. In: _ Revista Cana Mix- Revista de Economia da Agroindústria Canavieira. Ano 3 nº 29. Ribeirão Preto – SP: Setembro de 2010. p.78

Encontro Regional de História Oral Sudeste – Sul (1. : 1995 : São Paulo) **(Re) Introduzindo a história oral no Brasil** / organização José Carlos Sebe Bom Meihy. – São Paulo : Xamã, 1996. – (Série eventos)

ÉTICA HISTÓRIA ORAL. PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo. SP – Brasil, 1981.

FONTANA i Lazaro, Josep. **História: análise do passado e projeto social** / Josep Fontana ; tradução Luiz Roncari. – Bauru, SP : EDUSC, 1998.

História & Perspectivas, nº 40 – jan./jun. 2009. Uberlândia/MG – Universidade Federal de Uberlândia. Revista do Instituto de História, vinculada aos cursos de Graduação e ao Programa de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Núcleo de Pesquisa e Estudos em História, Cidade e Trabalho.

_____, **nº 27 e 28** jul./dez. 2002/jan./jun. 2003. Uberlândia/MG – Universidade Federal de Uberlândia. Revista do Instituto de História, vinculada aos cursos de Graduação e ao Programa de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Núcleo de Pesquisa e Estudos em História, Cidade e Trabalho.

HOUAISS, Antônio (1915-1999) e VILLAR, Mauro de Salles (1939-) **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa** / Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar; elaborado no Instituto Antônio Houaiss de lexicografia e Banco de dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 3.ed.rev. e aum. – Rio de Janeiro : Objetiva, 2009

HOGGART, Richard. **Quem são as classes trabalhadoras?** In: . As utilizações da cultura 1 – aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Editorial Presença, 1973 (Col. Questões)pp. 15-32.

HOBBSAWN, Eric J. **Sobre história** / Eric Hobsbawn : tradução Cid Kmipel Moreira. – São Paulo : Companhia das Letras, 1998;

KHOURY, Yara Aun. **Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história.** In: . Muitas Memórias Outras Histórias. [Orgs.] Déa Ribeiro Fenelon, Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. Editora: Olho D'água. São Paulo: 2005, pp 116-138.

Mapa Canamix de Usinas Brasileiras – 2011. Edição Grupo PC & Baldan – Parceria de Sucesso.

Maurílio Biagi Filho anuncia criação de fundo para trabalhar imagem do agronegócio. In: _ Revista Cana Mix- Revista de Economia da Agroindústria Canavieira. Ano 4 nº 35. Ribeirão Preto –SP: Abril de 2011. Ano pp. 40-41.

MARTINS, Humberto E. De Paula. **Formação e desenvolvimento sócio-econômico no Triângulo Mineiro.** “... Na atualidade, importantes transformações econômicas em nível nacional e mundial vêm trazendo um novo contexto para o desenvolvimento do Triângulo...”
Fonte: <http://www.fafich.ufmg.br/varia/admin/pdfs/19p164.pdf> Acesso em 29/08/2011.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos** / Karl Marx ; tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri. – [4. reimpr.]. – São Paulo : Boitempo, 2010. Il. – (Coleção Marx-Engels)

Memória Popular: teoria, política e método. Grupo Memória Popular. Tradução de Helen Hughes e Yara Aun Khoury. In: Muitas Memórias, Outras Histórias / [organização de] Déa Ribeiro Fenelon, Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. – São Paulo : Olho d'Água, 2005. pp. 282-295.

MENEZES, Marilda Aparecida de. **Experiência social e identidades: trabalhadores migrantes na *plantation* canavieira.** In: . Dossiê História Oral, 3, 2000, pp. 49-68.

MORAIS, Sérgio Paulo. BARBOSA, Tulio. **Movimento Sócio-espacial: Abordagens e perspectivas de investigação.** [S.I] [S.N].

Muitas Memórias Outras Histórias. [Orgs.] Déa Ribeiro Fenelon, Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. Editora: Olho D'água. São Paulo: 2005
Perfil do setor do açúcar e do álcool no Brasil. Edição para a safra 2008-2009. Diretoria de política agrícola e informações do Agronegócio, maio de 2010.

NEVES, Marcos Fava, CONEJERO, Marco Antonio. **Por que algumas usinas compram mais cana de fornecedor do que outras?** . In: Revista Canamix, Setembro:2010, ANO 3, Nº 29, pp.130-132.

Outras histórias: memórias e linguagens / [organização de] Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. – São Paulo : Olho d'Água, 2006.

PORTELLI, Alessandro. “*O momento da minha vida*”: *funções do tempo na história oral*. Alessandro Portelli. Tradução de Hele Hughes e Yara Aun Khoury. In: Muitas Memórias, Outras Histórias / [organização de] Déa Ribeiro Fenelon, Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. – São Paulo : Olho d'Água, 2005. pp. 296-313.

_____. **História oral como gênero**. Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro. In: Revista Projeto História – história e oralidade. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História PUC-SP, nº 22. Editora: EDUC. São Paulo: junho de 2001. pp 9-36.

_____. **O que faz a história oral diferente**. Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro. In: Revista Projeto História – história e oralidade. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História PUC-SP, nº 14. Editora: EDUC. São Paulo: fevereiro de 2007. pp 25-39.

Projeto história 10. PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo. SP – Brasil, 1981

SCOTT, James C. **Formas cotidianas da resistência camponesa**. Tradução de Marilda A. de Menezes e Lemuel Guerra. In: Raízes, vol. 21, nº 01, jan.-jun./2002. pp 10-31.

SILVA, Angela Maria. **Guia para normatização de trabalhos técnico-científicos: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses** / Angela Maria, Maria Salete de Freitas Pinheiro, Maira Nani França. 5. Ed. ver. e ampl. – Uberlândia: UFU, 2006.

THOMPSON, Edward Palmer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos** / E. P. Thompson; organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

_____. **Folclore, antropologia e história social**. In: As peculiaridades dos ingleses e outros artigos / E. P. Thompson; organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. pp 227-268.

_____. **A formação da classe operária inglesa. vol. II A maldição de Adão** / E.P. Thompson; tradução Renato Busatto Neto, Cláudia Rocha de Almeida. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **A formação da classe operária inglesa. vol. I A árvore da liberdade** / E.P. Thompson; tradução Renato Busatto Neto, Cláudia Rocha de Almeida. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Miséria da Teoria: ou um planetário de erros** / E.P. Thompson - Tradução: Waltensir Dutra – 2009.

_____. **Costumes em Comum**. Edward Palmer Thompson ; revisão técnica Antonio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. – São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **A pesquisa em história** / Maria do Pilar de Araújo Vieira, Maria do Rosário Cunha Peixoto, Yara Aun Khoury. – 5º Ed. – São Paulo : Ática, 2007 (Série Princípios, 159).